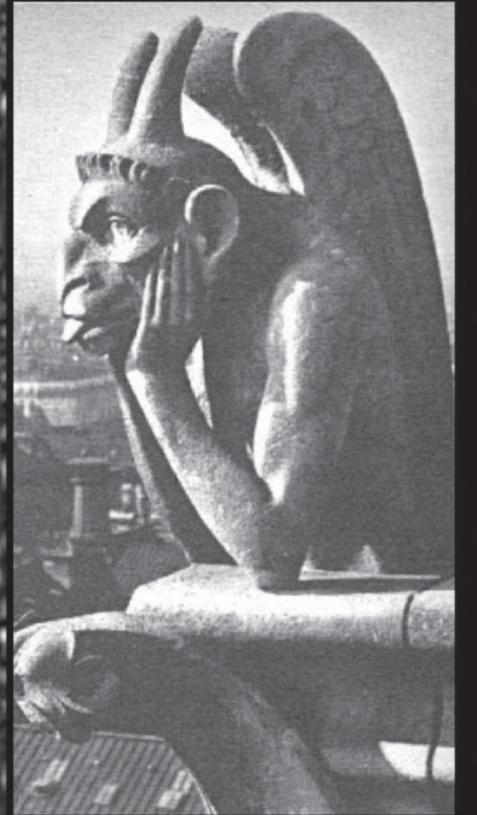




De Profundis

Cultura Alternativa

ZINE
SEMESTRAL
Nº.02
R\$ 2,00



Maldoror

Príncipe dos Malditos

Bauhaus - Fields of the Nephilim
House of Usher - Red Lorry - Mercyland
Andy Warhol - Poesia Marginal



Zine DE PROFUNDIS nº 2
Publicação semestral
Outono de 2001
Editor: Eduardo Morpheus Affinito
Designer: Kleber S. dos Santos
Produção artística: Floyd, Morpheus e Kleber
Produção gráfica: André Pomba Cagni
Apoio Cultural e Financeiro:
Revista Dynamite - Pomba
Madame Satã - Maurício Penteado e Ivan
Sebo 264 - Pedro Lopes
Vínculos culturais:
WWW.CARCASSE.COM
Nagash e Cid Vale Refeição.
Editora Dov-Age: Pomba Loca
U.N.O. - M. Affinito, Floyd e Kleber.
Capa: Dave Mackean (grato GoticoDF)



PROGRAMA MASK

SP ROCK - 89,5 MHz FM
o melhor do Gótico e
Darkwave,
nas sextas-feiras, às 21 horas,
feito pelo ousado e fantástico
Mr. Pena!!!

No itinerário da viagem...
Pitchfork, Lycia, Grauzone,
X-mal Deutschland,
Neubauten, Joy, Sisters,
Fields, Vesuvia, Tears Of
Blood, krummen Mauern,
Silke Bischoff, Alien,
entre muitos outros...

JOGANDO UM POUCO DE AREIA SOBRE SEUS OLHOS

Alguns já conhecem nossos trabalhos de zines anteriores como Atmosphere, da coluna Darklands na revista Dynamite, no site Sépia Zine, do CD Violet Carson, entre outras colaborações... fugimos de uma rotulação pejorativa, embora a estética obscura seja nosso principal ponto de expressão, acreditamos que nos enquadrados no segmento da cultura alternativa, visando explorar uma visão nossa dentro desse núcleo. É um trabalho que busca divulgar a produção marginal e também reler e repassar os valores daquilo que gostamos e sempre é empurrado de maneira distorcida pela mídia, e não estamos dispostos a discutir se estamos certos ou não, gostamos do que fazemos e de como fazemos, e graças a escassez de trabalhos nesse aspecto, não podemos nos dar ao luxo de aguardar que as coisas melhorem. Contra cultura, marginalia, subversão... este é o nosso interesse, despertar o urro louco na mediocridade do corriqueiro, afiar as farpas das mentes polidas pelo condicionamento social, fazer pensar e ouvir... e por que não, gritar!!! As bandas, escritores, textos e poesias que evidenciamos em nossas páginas, abordam assuntos invulgares ou assuntos vulgares de forma bastante diferenciada, não me importa se o rótulo é este ou aquele, desde que desperte a deserção dos valores estúpidos do nosso comportamento em sociedade. Não estamos preocupados em construir conceitos, que façam isso àqueles que vierem depois de nós, que seja a tarefa dos mais fortes... nós, marginais, espectros desta modernidade charlatã que se reproduz continuamente em cópia revestida de novos valores, estamos ocupados em derrubar, destruir e sentar sobre os escombros, descatequizar mesmo a organização irracional dos subgrupos sociais, que nada mais são que o respiradouro da latrina atual de nossas grandes cidades. Esperamos invocar em alguns (como é tola nossa esperança!) a ação armada, de uma caneta, de um teclado, de um instrumento musical, mas sobretudo de consciência, contra o exército da hipocrisia vital. Envie-nos seus escritos, desenhos, poesias, gravações... será um prazer contar com você em mais esta batalha. VI VERE VENIVERSUM VIVUS VICI (V de vingança).

Morpheus Affinito Outono de 2001.



PROGRAMA HANGAR

Está no ar o programa Hangar, trazendo para o público toda manifestação de música alternativa vinculada ao rock'n roll, além de mostrar fanzines e matérias que tratam de assuntos que realmente interessam aos jovens pensantes do Brasil. É o rock livre em toda sua essência. Com uma banda por semana, o programa traz desempenhos ao vivo e entrevistas. Só para citar algumas das bandas que já participaram, estão Wry, Thee Butchers Orchestra, Das Projekt Der Krummen Mauern, Ulster, Middlename e Pullovers. Traz também entrevistas com selos e gravadoras independentes e "fanzineiros".

O programa surgiu para mostrar o trabalho de bandas que não tem espaço na mídia, devido à letargia da indústria musical. Hangar é o único programa de televisão que abre espaço para o rock em suas formas mais criativas e contestadoras. É o rock-livre em toda sua essência. O programa Hangar foi criado por profissionais experientes na área audiovisual, como Edwin Perez, formado em cinema pela ECA/USP, em 1994.

Hangar vai ao ar terça à 00h00, quarta às 23h30 e sábado às 19h00, pelo Canal de São Paulo, canal 18 da TVA cabo, ou ao vivo pela internet, no www.canal.sp.com.br

RED

LORRY YELLOW LORRY

Emersos da cena de Leeds (Inglaterra) no ano de 1982, local que também nos presenteou com a major "The Sisters Of Mercy", além do "Southern Death Cult" e "Skeletal Family", todos grandes representantes do que foi aclamado como Gothic Rock, a banda "RED LORRY YELLOW LORRY" marcou o início de sua carreira com o EP "Beating My Head", que não causou boa repercussão, sendo comparado a mais um dentre os muitos a beber na fonte do "Joy Division"...no entanto o grupo liderado por Chris Reed conseguiu chegar ao programa de John Peel, onde registrou sua aparição com quatro músicas, que não deram o retorno esperado à Reed. Em 83 Dave Wolf (guitarras) e Paul Southern (Baixo) entraram na banda, e ao lado do baterista Mick Brown, deram corpo a formação mais representativa na história do RED LORRY YELLOW LORRY e, a partir de então compuseram canções de um estilo inconfundível, basta ouvir a fase em que estavam na gravadora "Red Rhino" para qualquer um perceber que pode ser até possível comparar, mas não há em seu todo outra banda que soe como o RED LORRY, tanto que a mídia impressa da época passou a dar não só uma maior cobertura ao grupo, como também a apontá-los como a melhor banda de rock alternativo de sua época... exageros à parte, o primeiro álbum e o mais expressivo da banda "Talk About the Weather" (84), não chega a ser uma obra prima, contando apenas com a força de seus consagrados hits: "Hollow Eyes" e "Hand On Heart", o que bastou para leva-los ao topo da parada indie britânica neste mesmo ano. "Paint Your Wagon" (86), é considerado como o momento mais importante na carreira da banda, aliás entre 85 e 87, é justamente a época em que a influência do Gothic Rock mais se alastrou mundo afora, retornando depois para os pubs e casas noturnas do meio alternativo onde sobrevive firme e forte até hoje... Seguiram-se outros três álbuns em uma nova gravadora a "Beggars Banquet" - "Nothing Wrong" (88), onde já encontramos a banda defasada e amplamente repetitiva, audível apenas para os fãs mais ardorosos... "Blow" (89), uma espécie de LP fantasma, raro não só de se encontrar... e "Blasting Off" (91), como parece ser natural na carreira de muitas bandas dos anos 80, o fim de festa vem recheado de experimentos dançantes e sugere a metáfora de uma pá de terra a ser jogada sobre o defunto... realmente muito triste.



As guitarras sugestivamente hipnóticas eram o ponto forte da banda, uma levada com batidas secas, com pitadas de New Wave, somadas a um baixo grave e marcante davam vazão ao vozeirão de Chris Reed, que muitos comparavam a uma somatória do tom anasalado e angustiado de Ian Curtis com a voz sorumbática e escarniciosa de Andrew Eldritch... atualmente é fácil encontrar coletâneas que reúnem o trabalho da banda na fase Red Rhino, quanto ao trabalho que saiu pela Beggars Banquet, parece que mesmo quem possui odireito dessas faixas negasse a compilar as faixas, por mero respeito à memória da banda, acredito. Quanto a você que não conhece, caso não seja adepto do gênero gothic rock, abra sua cabeça, esqueça-se do rótulo e foque sua atenção à música, procure ouvir: "Hand On Heart", "He's Head", "Feel A Piece", "Cut Down", "Chance" e principalmente "Hollow Eyes", certamente ficarão guardadas em sua memória em algum ponto destinado às boas coisas que já ouviu. O RED LORRY não chegou a ser expressivo, tanto que mesmo na "cena gótica" é um bocado difícil encontrar quem o conheça, mas isso por mérito dos DJs, que fazem muito mal seu trabalho, saturando o público com apenas uma música da banda... por outro lado, embora inexpressiva no terreno da popularidade, é inegável o teor e a força de suas composições... é o tipo de banda que torna interessante nossa busca no meio da cena underground.

Morpheus Affinito

NECROPOLIS

É incrível como vem crescendo o número de bandas góticas brasileiras e, parece-me que a qualidade vem acompanhada deste dado estatístico. As influências variam dentre as mais inusitadas vertentes dentro do próprio estilo... A banda necropolis é a mais tangível (e também audível) prova disto, formada por Carol Rubira - vocais; Cláudia Prates - guitarras e vocais; e Eduardo Azevedo - baixo, fx, programação e efeitos especiais. A audição comprova influências bastante diversificadas, porém não seguem o curso básico de nenhuma destas mesmas inspirações. O Demo CD homônimo contém quatro faixas bastante sofisticadas, com melodias densas e batidas hipnóticas, enfocando os vocais que por vezes sussurram, ora assemelham-se a execução de um recital, somados a efeitos de vozes que costumamos encontrar no gothic metal dos anos 90 (se é que isso existia antes...). São quatro faixas: "Serpentine" - que de longe me parece a melhor expressão do que a banda passa em seu todo, seguindo uma linha mais "tradicional" dentro do gothic rock; "Bloodbath Baby" que remete um pouco ao estilo de bandas como o Christian Death, fase Valor Hand...; "Crimson Sun" - uma construção sonora interessante, flertando com o gothic metal devido às guitarras acentuadas e também com alguma pitada eletrônica em suas bases...; "Fade" fecha o trabalho com o percalço de uma canção Darkwave bem elaborada. Obviamente não é um trabalho perfeito, carece de alguns retoques mínimos que dependem mais da parte técnica (diferença que existe ao ouvirmos um cd antes e depois do brilho que as produtoras de grandes gravadoras executam no trabalho), mas quanto a isso, trata-se de um mero e ínfimo detalhe, pois as composições realmente são muito boas. Se você é um aficionado do gênero, é uma boa oportunidade de adquirir um trabalho recente e de muito boa expressão. Uma boa audição para você...

Morpheus Affinito



Contatos: necropolis@sti.com.br



The House of Usher

Respostas por Jörg Bartscher-Kleudgen.

De onde surgiu a idéia de formar o grupo e quais foram os primeiros membros?

The House of Usher foi formado em 1990 por Markus Pick e eu (Jörg Kleudgen). Éramos amigos há anos e sempre fui fascinado por seu estilo de tocar guitarra. Infelizmente, ele nunca havia tocado em bandas, então perguntei se ele queria começar um projeto no qual eu faria a bateria eletrônica e as letras, para começar tudo. Não esperávamos nada naquele momento e eu continuo me espantando com o que nos tornamos. Por sorte, são poucos os que conhecem nossas primeiras gravações, que eram bem diferentes de nosso trabalho atual. Tenho certeza que a maioria ficaria chocada com a precariedade delas.

O nome veio do conto de Edgar Allan Poe. Qual a influência deste nas letras do grupo e porque este livro foi escolhido?

No começo, E. A. Poe me influenciou muito com suas histórias sombrias de decadência e romance. Hoje eu não posso mencioná-lo como a principal influência do nosso trabalho, já que ele foi substituído por outros. "A Queda da Casa de Usher" é minha história preferida de Poe, que reúne os temas mais comuns de sua obra. Eu gosto muito do clímax e da imagem de uma morte romântica numa casa que afunda.

Que outras influências podem ser apontadas?

Hum... tivemos muitas influências, praticamente tudo o que nos cerca nos influencia. Existem coisas que definiram nosso estilo em diferentes períodos. Por exemplo, enho gostado dos filmes de Richard Stanley e do trabalho de diversos ilustradores de livros. Afinal, você sabe, The House of Usher não é apenas música, mas diversas outras formas de arte também. Eu venho sofrendo grande influência na forma de desenhar as capas e escrever as histórias (um jeito definitivamente determinado por H. P. Lovecraft). Musicalmente, fomos influenciados por muitas bandas para mencioná-las e não são apenas bandas góticas.

Existem outras ideologias e filosofias que movem a banda nestes 10 anos?

Não somos influenciados por ideologias, mas seguimos algumas filosofias e pensamentos sobre como queremos soar. Temos a filosofia de trabalho que diz que devemos fazer o máximo de coisas por conta própria, começando pelas gravações de estúdio, produção, mixagem, design gráfico, promoção e gerenciamento. Você nunca pode se escorar nos outros. Ninguém irá fazer este trabalho com tanto amor quanto a própria banda. Esta é uma de nossas filosofias: sermos verdadeiros para nós mesmos a respeito do nosso trabalho e às outras pessoas a respeito da honestidade de nossos pensamentos. Não há nada falso em nossa música. Se fosse, nós não nos sentiríamos tão privilegiados.

Qual é a inspiração para as letras e qual processo vocês usam para fazer as músicas?

Mesmo que não pareça, escrevemos letras sobre o cotidiano. Vejo algo que me comove e preciso escrever sobre. Às vezes, as letras simplesmente aparecem em minha mente, formando uma melodia, sendo combinada com outras, até que façam sentido. Cada música é como um grande quebra-cabeça com todas as partes contidas em minha mente. Eu apenas tenho que juntá-las em uma pintura colorida, mas às vezes isto é meio difícil, pois eu ainda não sei o sentido. Atualmente, estou interessado na natureza e seus processos assim como em paisagens impressionantes e rochosas. Fomos à Brittany (França), para escrever o novo álbum intitulado "Inferno (l'enfer)" pelo espírito dos arredores com o mar revoltado, campos amplos e plantas estranhas, as novas canções possuem uma atmosfera diferente, muito vívida, mas bem intimista.

A música "Wrecked in Faith" é traduzida do italiano, de onde surgiu a idéia de usar esta musica e qual a sua origem?

"Wrecked in Faith" não é uma música italiana, é uma de nossas primeiras canções (escrita em 1992), com letras cantadas em inglês. Naquele tempo, alguns versos estavam em alemão, mas quando decidimos fazer uma tournée na Itália em 1994, quisemos mostrar nossa fascinação por aquele país e nossa gratidão pelo seu cordial convite. Então, um amigo meu traduziu as letras do alemão para o italiano.

Músicas com "Nightlife", "Witchcult" e "Stars Fall Down", foram regravadas em outros CDs. Estas são as melhores, em sua opinião? Ou todas as músicas foram retrabalhadas e estas soaram melhor?? Por que não "The Ravage of Time"?

Em 1998, nós chegamos à Nightbreed Recordings com a proposta de regravar nosso primeiro mini álbum, "Black Sunday", mas pensamos que regravar 4 faixas seria simples demais, então, decidimos preparar uma espécie de "o melhor de" intitulado "Black Sunday Chronology", incluindo algumas faixas remixadas. Não as melhores músicas, mas aquelas que soavam melhor remixadas. Não diria que as músicas ficaram melhores, mas diferentes, algumas até soaram como novas. Este projeto foi bem interessante, porque aprendemos a ver nossas músicas de diferentes pontos de vista. Não remixamos "The Ravage of Time", porque eu não vejo uma forma de melhorá-la, esta música marcou muito a primeira fase do The House of Usher.

Como surgiu a idéia de "Zephyre"?

"Zephyre" é uma das faixas que foram inspiradas em paisagens e é uma transcrição da história contida do encarte do CD, muito longa para explicar. Eu não gosto tanto da primeira parte quanto da segunda e terceira, gosto da idéia de uma música épica, como você a chamou. Todos os nossos álbuns têm uma música como esta, às vezes escondida, como "Stars Fall Down" com seu apêndice ou como "Graceland", em "Cosmogenesis". Tenho certeza que "Inferno" terá uma também.

"Goth Wars" é um CD ao vivo perfeito, de grande qualidade. Como surgiu a idéia deste álbum? Você ficou satisfeito com o resultado?

Não, não um disco perfeito, mas bom para transportar a atmosfera do show para sua casa. Este é nosso segundo cd ao vivo, eu prefiro o primeiro "Cerebral Darkness", que gravamos em apenas uma noite.

Qual o futuro do estilo gótico em seus pensamentos?

Quem poderá prever? Eu não gosto do caminho que o estilo gótico está tomando na Alemanha, com bandas como "Umbra Et Imago", "L'ame Immortelle" ou "Tanzwut", pois para mim eles não soam góticos. Realmente gosto de muitas bandas inglesas, ou italianas, que são mais puras que as nossas e não completamente nas mãos das grandes e poderosas gravadoras. Sempre tentamos fazer coisas que são diferentes e verdadeiras, não o que as pessoas podem esperar de nós, o que "sucesso" realmente é? Não quer dizer que você toca aquilo que gosta e existem pessoas que gostam também? Algumas semanas atrás tocamos para milhares de pessoas no festival "M'era Luna" e eu não me senti tão bem quanto quando tocamos para algumas pessoas em um pequeno festival em um castelo.

E o que vc tem em mente para o futuro da banda?

Espero terminar o álbum até o verão de 2001, talvez façamos mais um split-single, até o final do ano. Por fim, nosso objetivo é ter algum progresso de "Cosmogenesis" para "Inferno" e estou certo que esta será uma boa ajuda para atingir este objetivo.

By Marco Boreli omartir@uol.com.br





Se há uma exceção à regra, no que diz respeito à sonoridade das bandas alternativas paulistanas, o Mercyland certamente incorpora essa máxima com a categoria que lhe é indevida, pois justiça seja feita, eles merecem estar nalgum patamar mais elevado, não só devido à sua força, composições e profissionalismo, mas sobretudo pela qualidade de suas canções. Descobri a demo "Sweet Black Ocean" (97) do grupo através do Roberto, proprietário da extinta loja de CDs alternativos "Helter Skelter", levei para casa tendo em vista nova oportunidade de conhecer mais uma banda underground... e, sinceramente, após apertar o "play" de meu toca fitas, tornou-se impossível parar até que a última faixa terminasse... fiquei espantado com a melodia criativa e de uma harmonia impecável, sustentando uma voz incomum, que por vezes lembrava uma mescla de "Wayne Hussey", "Ian Astbury" e...flowers by the doors... O curioso foi encontrar um dos integrantes da banda na galeria presidente da 24 de maio, um gigante meio atrapalhado e dicção um tanto nasal, supus que o mesmo fosse o baterista da banda, nos apresentamos e entre nossas conversas, descobri com grande surpresa de que se tratava do vocalista da banda, o Heleno, hoje em dia um grande amigo. O restante da banda conheci durante um show no antigo "Caverna dos Anjos" da penha, que depois passou a se chamar "Plastic" um saudoso e extinto espaço alternativo da zona leste, o show foi desconcertante, a energia do rock que a banda emanava contagiou todo o ambiente, a incomum presença de palco de Heleno, Ailton marcava o compasso com seu baixo acentuado, enquanto a pequena Beth destruía tudo com suas baquetas altamente responsáveis, sendo que outro espetáculo a parte ficava por conta dos acordes extravagantes da guitarra de Marshall, que acredito ser um dos melhores guitarristas que já tive oportunidade de assistir... um show memorável. Desde então tornei-me fã de carteirinha deste maravilhoso grupo, que já disponibilizou uma nova demo "Heart and Soul", com 07 faixas novas, incluindo uma releitura de "Sweet Black Ocean", faixa título da primeira demo que conta com 05 fantásticas composições: "Sweet Black Ocean" (que também pode ser conferida numa versão mais "Heavy" na coletânea Violet Carson), "She", a inconfundível "Save", "How Now I Am" e o destaque, além de ser a única canção em português da banda "Só", que considero de longe a melhor inspiração do grupo, estando à altura de qualquer clássico do rock nacional em sua era "Dark". Na recém lançada "Heart and Soul" (2000) - "Blue Wolf", "World Of Illusion", "Come To Me", "Sweet Black Ocean Version", "Blood List", "Bird" e "Scarlet Woman", compõem esse novo trabalho, que diferencia-se do primeiro por seu peso, acentuando outras influências Indie e Guitar, sem no entanto perder aquela musicalidade viajante da demo "Sweet Black Ocean". Dentre as faixas destaco "Blue Wolf" e "World Of Illusion", além de "Come To Me" e "Bird", que ao lado de "Só", em nova roupagem, estarão na coletânea "Carpe Noctem", havendo também a possibilidade de lançamento de um CD próprio contendo toda discografia da banda, ainda para esse ano de 2001. Para nós fica a esperança de que alguma gravadora descubra o trabalho deles ou que, através de seus recursos eles consigam lançar esse material.

Contatos: A/C Heleno Rua Sebastião Laranjeira, 312 Jaraguá SP/SP
CEP: 02992-050

Morpheus Affinito

Twilight Gods

Formada no início de 1993 pelo duo Maurício e Susete, a banda paulistana Twilight Gods passou por diversas formações durante sua existência, marcada por apresentações na cena underground paulista, com certo reconhecimento pelos festivais de que participaram, firmando sua evolução sonora e destacando sua composição musical peculiar, que remete ao pos punk, som de garagem e a levada Dark dos anos 80. Tive o prazer de contar com a participação deles na "Violet Carson" com a faixa "Cold Night", uma das melhores dentre as tantas bandas altamente competentes que estão inclusas no cd. Este ano pode ser considerado como o do Twilight Gods pelas conquistas alcançadas pela banda, que participou do "Concurso Som Submarino" pela internet, competindo com 1.500 concorrentes das mais variadas vertentes sonoras de todo o Brasil... chegando a classificar-se em 8º. lugar, o que lhes permitiu entrarem para uma coletânea organizada pela gravadora Trama. Não fosse o suficiente, lançaram seu trabalho de estréia, com uma produção altamente refinada, o cd "A Strange Trip", que teve a produção sonora de Edu K e Jorge Groove, lançamento independente sob o patrocínio exclusivo do SEBO 264. A produção artística tem um acabamento fantástico, com uma diagramação altamente competente e arte gráfica de esbanjar talento...

Com relação às músicas, o cd é simplesmente maravilhoso, fugindo do marasmo cansativo ao qual muitas bandas submetem-se ao criar músicas perdidas em conceitos aleatórios, o trabalho possui uma identidade, o instrumental é brilhante, desprezioso, com direito à faixas experimentais e baladas de um espírito altamente jovial, com letras que abordam situações comuns a todos que vivem a loucura das noites alternativas de São Paulo, conflitos emocionais e existencialistas. Procure ouvir como um conjunto, do começo ao fim para compreender a mensagem dessa estranha viagem...

A faixa título "A Strange Trip" é um balsamo para os ouvidos cansados da mesmice de nossas estagnadas pistas de dança; "Cold Night" dispensa apresentações...; "Screams Of Tomorrow" é uma balada marcante, digna de estar na trilha de qualquer filme de John Hughes; "Who Stays Alive" no estilo "college bands" que consagrou bandas como REM, surpreende; "Arm in Arm", pop rock anos 80, onde o trabalho da vocalista Bel mostra sua força e afinamento de maneira mais realçada...

Formação atual: Bel (vocaís); Patrícia (teclados e backing vocais); Renata (guitarras); Susete (guitarras) e Maurício (bateria).

Procure o cd nas lojas especializadas do gênero ou entre em contato:

twilightgods@zipmail.com.br

Tels: (0xx11) 255 3270 SEBO 264 / (0xx11) 4178 9605 - Maurício



CULTURA POP

Gibiteca - Videoteca - Zinoteca

Um grande acervo em Quadrinhos, Zines, Filmes e conhecimentos alternativos à sua disposição.

Lgo. S. J. do Belém, 156 - Belenzinho / SP
Cep: 03057 - 040 - Tel: 9961-2761

Fields of the Nephilim

O lado negro do velho oeste

Quem se lembra de velhos clássicos como "Por um punhado de dólares", "O dólar furado", "Sete homens e um destino", "meu ódio será a sua herança" e "Era uma vez no Oeste", que consagraram entre outros diretores, *John Sturges*, *Sam Peckinpah* e *Sérgio Leone*, além de nos presentear com a obra do ilustríssimo *Ennio Morricone* (inspiração para bandas como *Lycia*, *Nick Cave*, *Tindersticks*, *Death in June*, além do próprio *Fields*); certamente lembra-se da fotografia excelente, dos takes memoráveis e da atmosfera que envolvia tais produções... *McCoy*, absolutamente absorveu, assim como sua geração influências destes filmes para conjurar o universo de sua banda, *The Fields Of The Nephilim*, mesclando isto a elementos de culturas orientais como a hebraica, o nome nefiphilim foi tirado do "Livro de Enoch", que estranhamente não figura na bíblia cristã, tratando-se de uma referência direta aos anjos que foram postos na terra para vigiar a ação dos homens, por fim corrompendo-se e passando o conhecimento sagrado à raça humana e copulando com as filhas dos homens, gerando assim uma nova raça: "The Watchers", ou "Observadores" (para quem conhece quadrinhos, na *Marvel* existe uma alusão à eles, os "Vigias" da *Marvel Comics*). Ainda no quesito de fusão cultural, o Hinduísmo também tem sua força considerável no universo da banda, com referências constantes às divindades como *Shiva* e *Kali*. Outro tempero importante são os escritos de *Howard Philips Lovecraft*, que criou a lenda do *Necronomicon* e seus desvarios maléficos...

Ao surgir, no ano de 1984, quando lançaram o E.P. "Burning the fields", a banda foi injustamente acusada de plágio, devido ao grande número de bandas que, como eles, seguiam um estilo semelhante ao do então aclamado "Andrew Eldritch" e seu grupo "The Sisters Of Mercy"; "Laura" (85/86) fez com que aqueles que prestavam-se a peneirar bons grupos, dando as costas à imprensa, conseguissem notar que havia uma grande margem de diferença entre as bandas, e reconhecendo o potencial do "Fields", a *Beggars Banquet* (mesmo selo do *Bauhaus* e *The Cult*), decidiu investir suas fichas neles, que na época contavam com a clássica formação: Tony Pettitt (baixo), Paul Wright (Guitarrista), Carl McCoy (Vocalista), Nod Wright (Baterista), e Peter Yates (guitarras, após a saída de Gary Whisker - Sax); e assim surgiu "Power" (86), um E.P. de forte expressão, que fez com que a crítica revertisse sua opinião sobre a banda. "Preacher Man" (86), single com direito a direção do amigo de McCoy, *Richard Stanley* (diretor do clássico *B, Hardware*, onde McCoy faz uma ponta) para o clipe de estréia da banda, que graças aos investimentos da gravadora, alcançaram o 2º. lugar na parada dos singles independentes. Em 1987 sai "Dawnrazor" o primeiro LP oficial da banda, com uma capa extremamente bizarra, iniciando o disco com uma introdução do filme "Era uma vez no Oeste", composição de *Ennio Morricone*, deixando de uma vez por todas o nome do "Fields Of The Nephilim" marcado no mundo da música alternativa. Os vídeos de "Blue Water" e "Moonchild" (87), como a maioria dos vídeos da época, não apresentavam novidades, o que desiludiu a banda com respeito a este tipo de divulgação... Porém a cartada decisiva foi lançada na mesa com o segundo LP da banda "The Nephilim", com arranjos mais coerentes e nas mãos de uma banda mais experiente, que culminou no registro ao vivo: "Forever Remain", uma amostra realmente à altura dos disputados shows do *Fields Of The Nephilim*... Essa época pode ser considerada o apogeu dos "cowboys darks", pois além de ser a fase mais madura e onde existem as melhores e mais marcantes composições da banda, também foi o ponto de partida para uma guinada nas idéias dos componentes, que ainda colheram os frutos desta época até 1989, quando lançaram o E.P. "Psychonaut", já dirigindo o foco da composição para o lado da exploração dos conflitos psico-emocionais, como o título sugere; antecedendo o álbum "Elizium" de 1990, que captou a fase transitória da banda. O melhor mesmo é adquirir o duplo ao vivo "Earth Inferno" em vídeo, que comprova não só o poder musical da banda, como também o fôlego de Carl McCoy, uma espécie de *Jonah Hex*, um homem do velho oeste perdido entre tramas sobrenaturais. Em 91 os "bandoleiros" do rock despediram-se do público com alto estilo em um show no "Town & Country Club", Londres, deixando órfãos uma legião de fãs, que teve de se contentar com as duas sobras, "Rubicon" (92) - Yates, Pettitt, Nod, Wright com os vocais de *Andy Delany*, soando bem mais pesado, tendenciosamente Heavy... assim como McCoy, que lançou seu trabalho solo "Nephilim" (93); ambos foram recebidos de forma morna, devido à quebra com o segmento que os consagrara. Após um jejum de nove anos, enfim a satisfação de todo o grupo reunido para novas apresentações pelos festivais europeus, e mais recentemente, em meados de 2000 lançaram um E.P. "One More Nightmare", pelo selo alternativo "Jungle Records", de onde destaco a canção "Dark Cell AD", onde a sonoridade típica da banda recebe uma releitura com efeitos modernos, elementos comuns em bandas como "M. Manson", "Nine Inch Nails" e "Ministry", sem no entanto deixar a desejar à atmosfera que eles criaram em alguns de seus clássicos, quase todas as composições, como por exemplo: "Power", "Laura", "Slowkill", "Volcane", "Vet For The Insane", "Dust", "The Watchman", "Moonchild", "Chord Of Souls", "Celebrate" (a melhor), "Love Under Will", "Last Exit For The Lost", "For Her Light", "Summerland" e "Psychonaut". Seja como for, se continuarem, como todos esperamos, ou tenha este E.P. sido o último espasmo de um Pistoleiro agonizante perante o cadáver de seu inimigo morto ao pôr do sol, o importante é ressaltar que eles possuem sua própria página escrita no grande livro do rock, como uma banda verdadeira e dona de um estilo só deles.



ROCK DE BRASÍLIA



Originalmente chamada de "RATOS DE BRASÍLIA", a banda formou-se em 1985, personificando junto às suas contemporâneas do cenário candango a proposta, os ideais e todos os demais elementos visivelmente ligados ao comportamento PUNK. Não se passou muito tempo e reciclaram sua musicalidade e postura, ampliando seu universo musical, o que germinou naquilo que muitos rotularam como POS PUNK, ou seja, passaram a beber da sonoridade das bandas Góticas européias... da mesma forma que a maioria das grandes bandas de Brasília daquela época maravilhosa. Graças a guinada em seu estilo musical (e também à época que permitia isso), o grupo conseguiu emplacar duas músicas país afora: "Ronda" e "Pássaros Negros", esta última servindo como referência à banda, uma espécie de cartão de visita, que pode ser encontrada nos sebos na coletânea "Rock Brasília" de 1987, onde o 5 generais saiu ao lado de outras boas bandas de BSB como a "ELITE SOFISTICADA".

O foco de suas canções era a rebeldia da juventude sem esperanças, vide "Ronda" "Andando pelas ruas da cidade, como se procurando uma identidade"; Por um momento (que considero a melhor da banda) "Porque a vida é uma escada que só vai descendo...", sendo que essa magnífica canção infelizmente não chegou a ser registrada em vinil...; Falando em registros fonográficos, acredito ter muita sorte em possuir algumas gravações raras do grupo, como uma versão da maravilhosa "Outro Trago" "Acabo de acender o meu último cigarro, imagino pessoas transando nos seus carros..." com uma super participação da Mariele Loyola do "ARTE NO ESCURO" nos vocais, além da inacreditável versão de "Marian" do lendário "THE SISTERS OF MERCY", que em português foi rebatizada como "Mariana", particularmente uma de minhas prediletas e também um dos covers que pretendia tocar na época do "LUPERCAIS", pensamento ainda mais forte na minha banda atual "VULTOS"... Os 5 GENERAIS lançaram uma demotape de estúdio, hoje em dia uma verdadeira raridade, sendo que da mesma só possuo 3 sons, portanto não sei ao certo quantas músicas eles gravaram nessa demo, além desse material também possuo uma gravação ao vivo, que contava ainda com o antigo vocalista, que possuía uma tendência mais "gótica", com ótimas músicas além das que já citei acima, e além disto possuo o mini LP lançado pela Devil Discos, "Onde estão as pessoas" de 1989, já com o novo vocalista (diz a lenda que foi improvisado de última hora, pois o antigo brigou com a banda momentos antes da gravação), sendo que este disco não agradou muito aos fãs da banda, justamente pela diferença entre os vocais (esse trabalho varre toda a carreira da banda, desde o tempo Punk), chego a concordar que há diferenças nítidas entre ambos, mas isso não desmerece em nada este último trabalho da banda. Houveram rumores de que a banda participaria de uma segunda compilação do fantástico "RUMORES" (petardo do Dark nacional de 86 com bandas como Finis Africae e Escola de Escândalo), porém sobre isso só cheguei a ouvir "rumores"... É legal comentar que um amigo meu, o Repolho (que foi baterista do BESTHOVEN), chegou a tocar com o MOZART (baixista do 5 GENERAIS) em uma banda chamada "MAQUINA DE MOZART", formada após o fim dos 5 GENERAIS, pena que não durou muito tempo... Acho estranho que algumas pessoas nunca tenham ouvido falar dos 5 GENERAIS, mostrando que esta foi mais uma das bandas de Brasília que não tiveram o prestígio e o reconhecimento merecidos... por um outro lado, é possível encontrarmos algumas pessoas legais o bastante para lembrar a importância e o significado desta banda para a geração de meados de 80 no planalto central, num circuito musical e cultural apurado e magnífico. Os 5 GENERAIS são considerado por muitos como a primeira banda gótica de Brasília, por sua atmosfera sombria, letras existencialistas e vocais melancólicos, além das audíveis influências do rock britânico de outrora, amplamente margeado por esse tipo de música. Desta forma, assim como muitas outras bandas desconhecidas do grande público, eles se immortalizaram através de seus trabalhos, deixando-nos registros de uma música de qualidade funcional, tudo marcado na lembrança de todos seus fiéis admiradores como eu e tantos outros...

Sem mais palavras, 5 GENERAIS É FODA!!!!

#FOFÃO DISCRUST (Lupercais, Besthoven, TFP, Vultos, entre outros)



PSICODELLIA

BRAZILIAN PEBBLES O SOM DA GARAGEM ESTÁ DE VOLTA



Em pleno século XXI quando muitos apontam uma ruptura com o rock n'roll básico, e saturam-se revestidos tendenciosamente do que chamam de "música em prol da tecnologia", o que na verdade não passa de um discurso mercadológico mascarado e fajuto, algumas bandas justificam sua existência no chamado eixo alternativo renegando essas falsas revoluções e investindo em um som neural, eternamente jovem, dando continuidade ao chamado "espírito da juventude", que teve seu pontapé inicial justamente com o nosso amado rock n'roll de cada dia... para muitos consumidores, com todo respeito desmerecido a esta casta, o som produzido por essas bandas não passa de um revival, repetição de velhas fórmulas e para os desconhecedores do estilo, chegam a taxar de plágio muito do que esta safra de guerreiros produz... mas deixemos os detratores de lado, nos inclinamos sobre as bases destes audazes grupos que ousam remar não só contra a maré, mas também que desafiam a opinião alheia, preocupando-se apenas em fazer aquilo que mais gostam, o rock em sua mais pura tendência, buscando elementos engenhosos, estudando materiais e equipamentos utilizados décadas atrás, com o simples intento de dar corpo aos seus sonhos e ideais, com a simples idéia de registrar sonoramente uma vertente musical que para o nosso bem jamais deve ser esquecida.

BRAZILIAN PEBBLES é uma compilação que reúne alguns destes grupos, conhecidos apenas entre os frequentadores de alguns bares e pubs metropolitanos, as influências das bandas registradas nas faixas deste CD vão de Syd Barret, passando por Mutantes, até o mestre supremo de trilhas de faroeste espaguete Ennio Morricone; São performances que cruzam os umbrais do tempo revolvendo a velha lisergia numa grande trip através de guitarras acidás e efeitos valvulados...

Produzido e masterizado por Luiz Calanca, profundo conhecedor do estilo, é necessária uma audição total do trabalho para que se compreenda sua essência, porém como sempre elegemos nossas prediletas, ousamos destacar algumas bandas dentre as 15 que compõem este salubre CD:

- GASOLINES uma abertura melhor que essa seria impossível... uma homenagem responsável a Ennio Morricone... só por esta faixa já compensaria adquirir a Pebbles;
- NIHILO a canção vitrine é simplesmente um toque mágico, algo que o Ira sabia fazer no começo de carreira e que simplesmente esqueceu pelo caminho...
- OS ESPECTROS uma boa dose do psicodelismo brasileiro, numa levada com nuances darks... referencia e reverencia aos mutantes.
- VELOTROL CIRCUS a faixa "Homem Comum", tem um clima recheado de teclados que vai entusiasmar aos amantes dos Doors;
- SUNGLASSES "A Conspiração" é o tipo de música que realmente gosto, com um leve toque de punk rock que destaca a força de sua composição...
- MONOKINI "Trianon Masp", uma letra descompromissada, uma melodia nostálgica e uma voz simplesmente doce... a faixa que mais ouvi do CD, talvez até fure de tanto ouvir.

Para adquirir este raro objeto para sua audição, basta ir ou escrever, mandar e-mail, etc... para:

BARATOS AFINS Av. São João, 439 2º Andar Loja 318 CEP: 01035-000 São Paulo/SP

Fone: 0xx11 223 3629 e-mail: baratosafins@baratosafins.com.br

MORPHEUS AFFINITO

EVERSING ELEPHANT

Emergidos dos bares da Mooca, onde regados a muito vinho barato, perscrutaram uma brecha no tempo ou simplesmente invocaram o "outro mundo visionário", como diria Huxley em seu livro "As portas da percepção", esses caras simplesmente focaram sua musicalidade na mais pura expressão do som das "garage bands" dos anos 60, inspirando-se em bandas como "The Sonics", "Animals", "The Who" entre tantas outras; e se não bastasse o fermento de um conhecimento musical apurado, adicione ainda o quesito de "atitude", pois para se atrever a lançar um CD com uma forte tendência "Acid Fuzz Garage" em pleno ano de 2001, realmente é preciso ter muito amor ao que faz e também muita despreensão, ou seja, puro amor a sua música.

Obviamente a banda também bebe em fontes mais recentes, como guitar bands e co-generes da década de 80 e 90, destaco as seguintes faixas: "Suzy"; "Wish"; "Dreams"; "Surfin' Hi" e a "Stoogeante" "I Need Somebody". Tome um acido e boa viagem!!!!

Contatos: 0xx11 6703 1463

M. Affinito

THEE BUTCHERS' ORCHESTRA

A cidade é a nova selva, há muito sabemos disso... porém a selva se transforma e, com ela, seus habitantes... Atualmente em meio ao caos existe uma diversidade sonora gritante, o ritual da cacofonia urbana explodindo principalmente no centro de cidades como a nossa São Paulo, berço e cemitério de quase todas as raças... Neste momento preciso, imagino se haveria uma banda que traduzisse a loucura e um bocado da energia que essa cidade possui... canções que armazenassem, assim como São Paulo, a tradição do rock, nada revisitado, apenas perdido num emaranhado de influências e referências... e, se não te engano, como tenho isso certo para mim e o resto que se foda!!! A bomba sonora, Thee Butchers' Orchestra, é exatamente a tradução do centro de SP, caótico, instigante e convidativo... ousado dizer que se trata de uma banda genital, ou seja, du caralhu!!!

Formada em 1996, atualmente Marco e Adriano (guitarras e vocais) e Rodrigo (Bateria); já possuem em sua carreira os seguintes trabalhos lançados: "Out Of the Jazz, into the stress k7 (96); Super Derby Recreation k7 (97); "Deluxe 2000 k7/CD (99); e o recém lançado "Golden Hits" em CD pela \$\$\$UPORTE, gravadora independente do Sebo 264... esse trabalho é escrotíssimo (ótimo), e acreditem é Psycho rock na veia até estourar o cérebro... Para quem desconhece o trabalho deste trio, captei influências de bandas como: "Sonics", "Love", "MC5", "Sonic Youth", "Iggy Pop" e "Cramps". Não ousado destacar nada, a obra deslancha, música à música, num turbilhão de adrenalina e seiva bruta, e só um toque... coloque para rolar no seu carro, de preferência se você tiver bom gosto (e for louco) e possuir um carro antigo, anos 70... dê umas voltas pelo centro da cidade cheiradaço... ao som dos Butchers'... acredite, será uma experiência incrível!!!

M. Affinito

TBO

Admirável Mundo Novo - Noxious Fraction



Seguindo a trilha dos heróis da música eletrônica brasileira: Harry, Morgue e Aghast View, o duo Noxious Fraction, vem apresentando-se pelo espaço alternativo e firmando-se como principal expoente de nossa atualidade na vertente "Electro Dark" como eles mesmos costumam sugerir... A banda formou-se em 1995, através das idéias de Patrick C. Oliver, mais conhecido pelo codinome "Gordola", que através de uma sonoridade mecânica procurou materializar suas concepções em relação a situação do mundo atual e suas transformações... A música minimalista do fim de século ornamentando o comportamento do homem atual, um ser confuso, perdido entre o engarrafamento no trânsito das grandes capitais e a crise habitacional nas regiões agrícolas... uma das faces da globalização, onde o indivíduo deixa de viver para si para entregar-se às grifes ao seu redor... pelas palavras do próprio Gordola: "Nada é auto-suficiente, são as idéias, os atos e a convivência que nos tornam pessoas prontas para viver e morrer." Após 03 demo tapes, "NF & Ebolazaire live 1995", "Liberation" (96) e "Total Carnage" (96) que foi relançado em Demo CD em 2000; resta agora a expectativa do lançamento do CD Oficial, ao que parece, eminente, intitulado: "L'espece Humaine"... Para quem é fã de música eletrônica e está desgostoso com as atuais produções do gênero, basta arriscar para conhecer uma banda dona de um som agressivo e contestador, um verdadeiro manifesto sonoro do terceiro milênio.

Noxious Fraction: Contatos 0xx11 4432 3616

Patrick C. Oliver Voz e programas

Paula Scavone Computadores, Teclados e Samplers

Gothic Rave 3- A Urbana

A terceira gothic Rave organizada e produzida pela Thoms Alternative Night aconteceu no início de Dezembro, e foi um dos maiores eventos do ano. A grande atração de noite foi a banda norte americana "Gene Loves Gezebel" do vocal Michael Aston. A Gothic Rave atraiu um público de 2300 pessoas para uma fábrica super estilosa entre a Mooca e o Ipiranga, e quem esteve por lá não se queixou. A rave foi bem organizada e contou com a participação de mais de vinte expositores, stands com produtos variados com artes plásticas, esculturas, moda, acessórios, brechós e etc... convidados pelo site The Maosoleum. Dentre as diversas surpresas a primeira performance foi uma delas Dança Flamenca, que arrancou uma salva de aplausos e iniciou o som na pista de dança. Destaque para o Dj Christian e sua excelente seleção musical de clássicos do gótico. Um dos shows que mais agradou foi o da lendária banda "Violetas de Outono", Fábio Goffeti mostrou como o trabalho do Violetas continua vibrante e atual. Para alguns foi o melhor show da noite. Na madrugada entrou no palco o esperado "Gene Loves Gezebel", as pessoas se acumularam sobre as grades para assistir e cantar junto a banda. Foi bonito para quem esteve lá. Porém verdade seja dita, o Michael Aston e sua banda, são pessoas fantásticas, eles saíram dos camarins antes e depois do show, passearam pela rave, agitaram som na pista, se encantaram com os acessórios da SweetBlood (uma das expositoras mais tradicionais dos eventos da cidade) e principalmente trocaram muita idéia com quem vinha conversar com eles. Ao final da noite tivemos um pouco de blacke doom metal, e uma performance baseada nesse som, oferecida pelas performers Leviathan e Fley. De todas as raves com temática gótica, esta foi a melhor. O cenário era perfeito, o que matava era só a dificuldade de chegar ao lugar. O espaço era grande, ou seja não faltava espaço, só podia ter mais gente. Afinal o preço estava um pouco caro, mas o vinho "grátis" estava bom e não acabou até de manhã; Palmas para o pessoal da Thoms, Maurício, Priscila, Marly e Humberto que enfim fizeram uma festa Gótica como a gente merecia.

André Scarabotto - Lord of Maosoleum

O site com a verdadeira arte e cultura gótica, obscura e medieval no Brasil:

www.geocities.com/themaosoleum



BAUHAUS

BAUHAUS



Colagens do Passado

Direta ou indiretamente, o Bauhaus é uma das bandas mais influentes do pós-punk inglês: sobre isso não há dúvida. Entretanto, é uma pena constatar que a maior parte de sua obra foi simplesmente deixada de lado... Em 83, pouco antes da separação oficial, as cenas iniciais do filme "Fome de Viver" foram sintomáticas. Elas traziam a performance singular do esguio Peter Murphy em cenas até hoje cultuadas - cenas que excluíram todo o resto da banda. É realmente marcante a química entre Peter Murphy e Daniel Ash, mas há um lado menos explorado do Bauhaus que contém muito de sua essência. Pouco se fala do núcleo fundador da banda, os irmãos Kevin H. e David J. (bateria e baixo, respectivamente). Eles já haviam tocado em duas bandas (The Submerged Teeth e The Craze), em 77. Em pleno auge punk, Kevin mantinha o interesse por outros ritmos (como podemos comprovar pela levada "bossa-nova" de "Bela Lugosi's Dead") e David já era muito culto (até hoje, ele lança bons álbuns de poesia recitada)... As duas bandas não vingaram, faltava algo. Isso os levou a procurar o que lhes faltava: alguém carismático. Acharam Daniel Ash... Tocaram juntos por algum tempo, até que Daniel comentou sobre Peter Murphy, um "delinquente lindo" que estudava com ele e que era "a cara do David Bowie". Chamaram-no mesmo sabendo que Peter não tinha experiência nenhuma com canto, apesar de dançar muito bem. Estava definida a formação... Faltava um nome. Foi proposto 1919 Bauhaus, um nome irônico e antitético, pois 1919 remete ao ano em que foi lançado "O Gabinete do Dr. Caligari", o filme-manifesto do expressionismo alemão. A Bauhaus, por sua vez, era uma escola de arte moderna funcional, ou seja, a arte proposta (no caso, arquitetura e design) era pragmática, com construções práticas e racionais (o extremo oposto das construções expressionistas do filme). Acabaram excluindo o prefixo e terminaram como apenas Bauhaus. A ironia se estabelecia quando se apresentavam: sua arte "degenerada" contrastava com o futurismo gélido da Bauhaus original.

A grande sacada do Bauhaus foi sua releitura do punk, apesar da relevante influência glam de seu som (o que viria a ser chamado de pós-punk estava começando naquela época - 78/79 - quando Nick Cave, ainda no Birthday Party, era um semideus). Devido à sua rebeldia individualista, o punk apareceu como o mais "essencialmente romântico" de todos os movimentos musicais, pregando o "do it yourself" e a destruição da forma "séria" do rock progressivo. Mas, como toda vanguarda, foi efêmero pelo fato de se tornar uma forma em si. Apareciam bandas tocando punk-rock em todos os cantos e havia uma espécie de fórmula pairando no ar: "isso se faz com 3 acordes e atitude delinquente". O punk então se tornou estética e inspirou uma certa "ideologia pré-fabricada" (semelhanças com o gótico?). O que a banda fez foi criar seu próprio "punk", fazendo música de vanguarda sem copiar o modelo das bandas punks contemporâneas à eles. Ao invés de seguir a fórmula, foi no passado que eles foram buscar inspiração. Mais precisamente, em outras vanguardas com propostas anti-conservadoras, mas de estéticas diversas. Podemos até rastrear algumas destas correntes, a partir de músicas específicas:

Surrealismo.

"Exquisite Corpse" Composição fragmentária como os poemas de um Murilo Mendes, por exemplo. Inspirada numa brincadeira homônima que os surrealistas utilizavam para compor poemas sem coesão através da escrita de partes independentes que depois eram reunidas. Contém frases delirantes ("Now browning, sinking, dying / a thousands deaths"; "The Sky' Gone Out!"), roncões, tossidos, assobios, além de mudanças bruscas de ritmo.

Dadaísmo.

"Party of the First Part" - Uma música que os mostra "ensaiando" linhas de baixo enquanto assistem e comentam o filme "The Devil and Daniel Mouse" (na cena em que o Diabo encomenda a alma de uma cantora em busca de sucesso)...

Expressionismo.

"Of Lillies and Remains" O relato "muito são" de alguém que percebe que acabou de morrer enquanto foge de uma pessoa que cai expelindo ectoplasma da boca e das orelhas. Para conseguir sua vida de volta, tenta escalar uma parede repleta de buracos (abstração absoluta!).

Horror gótico hollywoodiano.

"Bela Lugosi's Dead" Pensada como uma brincadeira de "trava-língua", tornou-se o primeiro hino gótico com seu vampiro estilizado de acordo com o imaginário do horror americano da década de 30.



#Decadentismo.

"The Three Shadows part II" Seguindo a tradição do "épate-bourgeois" (espantar o burguês), esta, a segunda parte de uma trilogia (a parte mais melancólica), evoca reações à opressão do conservadorismo com imagens simbólicas (o Simbolismo não foi a melhor expressão do Decadentismo?) que remetem à assédios sexuais, ao complexo de Édipo e à pedofilia/canibalismo infantil.

#Teatro da Crueldade.

"Antonin Artaud" Homenagem ao revolucionário teórico francês que rompeu com os surrealistas e aplicou conceitos vanguardistas no teatro e em sua filosofia diária. Ao lado de Nietzsche, é um dos pensadores mais viscerais do Ocidente. A letra emula sua luta contra a loucura, com declarações explícitas de admiração ("*The old man's words, / White hot knives / Slicing through warm butter / The butter is the heart*"). Aplicadas no palco, suas teorias influenciaram a escolha da banda por tons escuros ou neutros, emoldurando as músicas neste teatro de luz e sombra expressionista...



BAUHAUS



Se o prefixo "1919" fosse mantido e o primeiro single da banda não fosse justo "Bela Lugosi's Dead", e sim - por exemplo - "Of Lillies and Remains", muito provavelmente algum crítico os rotularia como Expressionistas Pós-Modernos ou algo do tipo (rock expressionista, talvez)... E, tudo isso, graças à bagagem cultural daquela figura discreta que tocava baixo com inseparáveis óculos escuros, embrulhada em ternos de cores neutras. Os críticos que consideraram o rock do Bauhaus um tanto gótico estavam certíssimos, mas a análise deveria ser revista já no primeiro álbum deles. "In the Flat Field" ampliou o leque da banda para muito além de "Bela Lugosi's Dead" e "Boys" (que fala do sub-mundo dos transexuais). É claro que tudo poderia soar "intelectualóide" demais, não fosse o carisma de Peter e Daniel... Eles foram o corpo. Os irmãos, por sua vez, foram a alma da banda... Essa diferença de temperamento pode ser muito claramente percebida nos relatos que a banda fez da "Resurrection Tour" (que os reuniu e comemorou seu vigésimo aniversário). Peter Murphy escreve com um certo charme; Daniel Ash é uma verdadeira "perua", exibindo motocicletas novas e roupas emplumadas; Kevin é discreto e lacônico e, finalmente, David J. escreve verdadeiras odisséias relatando cada show e descrevendo cada país visitado de forma fascinante e um tanto pitoresca ("Esse garoto vive no mundo da Lua", Peter Murphy escreveria em seus diários)... Quando o gótico, como o punk, tornou-se um modismo e a imprensa apontava o Bauhaus como responsável por seu início, eles simplesmente dissolvem a banda (Peter Murphy se lembra com amargura dos dias em que sentia que a necessidade de agradar aquele público passou a interferir no processo de criação da banda). Apareceram então vários projetos... Love & Rockets, Dali's Car, Tones on Tail, Sinister Ducks, Daniel Ash (solo), Peter Murphy (solo), David J. (solo)... todos, quase sempre, fazendo questão de se distanciar dos clichês góticos. O Love and Rockets tirava fotos com todos de branco, diante de posters do Woody Allen e coisas do gênero... Hoje, alguns vêem a banda como mais um clone do David Bowie (em resposta à este tipo de crítica, eles gravaram "Ziggy Stardust" tentando soar o mais parecidos quanto fosse possível), outros a vêem como a banda gótica original; mas, no fundo, eles são muito mais que isso. Foram góticos em alguns momentos, é claro, mas foram muitas outras coisas no meio-tempo. Diferentes das bandas que desde o início planejam ser góticas, geralmente trazendo péssima reputação ao gênero, eles o foram autenticamente... Há uma intersecção do Bauhaus com o Gótico, mas o Bauhaus não está contido nele.

A partir do momento em que tantas referências foram agrupadas neste único rótulo, ficou a sensação de que "se é assim, sempre cabe mais uma". Então, cada uma das características das primeiras bandas góticas se somaram às antigas referências do termo como elementos legítimos (bem discutível isso). Sem querer, a complexidade artística do Bauhaus - com suas referências ao passado da dança (Nijinsky), do teatro (Artaud) e da literatura (vanguardas do entre-guerras) - acabaram por embaralhar ainda mais as peças deste quebra-cabeça que é a tradição gótica.

Se bem que, desta forma, veladas por este "desafio duplo", as coisas acabam muito mais interessantes, não é mesmo?

by Cid Vale Ferreira

LÚCIFER

Sou anjo errado
De asas de rubéola...
Tenho ascendência no diabo;
Sou da gente que migra da terra
Que morre de fome, que morre de guerra
Enquanto isso a fé permanece suspensa
No espaço sideral ou sedentário (!!!).
Sigo a estrela apagada
Que conduz, com cisma, o Caos;
Arrastando-se:
Cruzes e Turbas
Defecando a esperança quando se é capaz.
Eu, mito, inexisto
Anjo caolho e capenga
Nem chifres tenho, só a face horrenda
Desperta dos vaporosos pântanos
O bafo de jacaré e o olhar infrutífero
De quem passou o dia trabalhando nos canaviais.
Penitência, eis o nosso grito.
Nem rebanho de porcos, nem teorema sânscrito
Apenas a parca idéia da desilusão...
Enquanto santos se afastam
Arremessados por braços de oração
E no coração um bater errôneo
Revolta! Revolta! ... Mas sem união.
Eu, o anjo lodo, tolo e convexo
Absorvo a paragem do horror moderno
E afogo em meu cuspe todas as moscas
(meus irmãos de solo)
e vou mancando, às vezes exaurido,
pelas fezes da criação.
Morpheus Affinito 18/01/98

PURGAÇÃO

I

O silêncio vibra no fusível queimado enquanto o breu oleoso flutua ao redor...
Alvenaria cheia de graxa, sobre ti deito toda precaução. Hoje, quando a Covardia me invadir, permita-me vomitá-la, por favor.
Permaneço calmo... ela espregueia. Farejo-a em sua investida áspera, exalando miasmas de aflição; mas, antes que eu perceba, a musa trêmula já sibila graciosa, submersa no meu fosso interior. Que aqui eu consiga mantê-la. Que o calafrio me sussurre sua lição...
Ouço cada ruído atentamente, suportando o pacto de dor. "Trauma": será tão óbvio o nome bastardo da Evolução?! Ungido pela adrenalina, agarro-me firme à rédea do Temor: é ele quem me levará abaixo das camadas turvas da representação.
A hipocrisia é o improvisado da sanidade...
O castrado, acuado, empunha a razão!
Meu silêncio, antes bula ilegível, retumba agora a sinceridade que eu abafava com a compaixão...

II

Este dia não tem registro, mas não perde seu valor. Extasiado, ergo-me nas pontas dos pés, esquecendo as muletas da visão; transpiro todos os vapores desta viscosidade sem odor; afasto-me dos homens-formiga; amaldição meu ganha-pão...
As pálpebras pesam; a pele é inundada pelo langor. No negrume, o leite pesadelar se espalha pelo chão: molda-se gato branco, salta em minha direção! O alvo é o rosto, mas recuo sem pensar. Vejo-o atingir a parede e, numa lufada, dissolver-se em vapor.
Desperto sufocado. Pernas abaixo, sinto escorrer o aborto da minha honra
de varão... Embebido de pitadas de Sono, fui surpreendido pelos esporos do devorador. Tento resgatar os espólios do Pavor: deslizaram por entre os dedos, perderam-se na retórica da compreensão.
Verdades não abarcam a diversidade...
A carne não acumula compêndios da diária abnegação.
Meu medo trocou de pele. O abate foi em vão...
Cid Vale Ferreira - 01/12/00

DEMOCRACIA

"A bandeira se agita na paisagem imunda,
e nossa giria abafa os tambores.
"Nos centros, alimentaremos a mais cínica prostituição.
Massacraremos as revoltas lógicas.
"Em países doces e picantes! a serviço das mais monstruosas explorações industriais ou militares.
"Adeus aqui, não interessa onde.
Legionários de boa vontade, nossa filosofia será feroz; ignorantes sobre ciência, esgotados pelo conforto; que esse mundo se rebente. Esse é o verdadeiro avanço.
Em frente, marche!"
Arthur Rimbaud

Estabeleço-me, pasmo,
Mãos voltadas ao céu, num espasmo.
De catedrais distantes soa, insistente,
Uma só nota...
E soa... Ressoa... Ecoa...
No mesmo céu para onde me volto
Em pranto. Em Rictus.
O mesmo céu cinzento de onde só voltam
Chuva e cinzas
Trovões e aquela nota insistente
O mesmo céu de onde caíam bênçãos
Raios de luz.
De onde hoje caem anjos sangrentos
Poluídos
Em estrondos em fundos rítmicos
Ao distante acorde
A me atrapalharem a contemplação
Sublime e abrasiva
De suplicar monótono.
Suplicar...
Por um céu como o de antes
Sem anjos ou lágrimas
Ou simplesmente deleitar-me
Com a dor sempre maldita e bem vinda
De jamais ser atendido.
Erik Edgar Maleshamawitz

Os Imortais

Dos vales terrenos
Chega até nós o anseio da vida:
Impulso desordenado, ébria exuberância,
Sangrento aroma de repastos fúnebres.
São espasmos de gozo, ambições sem termo,
Mãos de assassinos, de usurários, de santos,
O enxame humano fustigado pela angústia e o prazer.
Lança vapores asfixiantes e pútridos, crus e cálidos,
Respira beatitude e ânsia insopitada,
Devora-se a si mesmo para depois se vomitar.
Manobra a guerra e faz surgir as artes puras,
Adorna de ilusões a casa do pecado,
Arrasta-se, consume-se, prostituiu-se todo
Nas alegrias de seu mundo infantil;
Ergue-se em ondas ao encalço de qualquer novidade
Para de novo retomar na lama.
Já nós vivemos
No gelo etéreo transluminado das estrelas;
Não conhecemos os dias nem as horas,
Não temos sexos nem idades.
Vossos pecados e angústias,
Vossos crimes e lascivos gozos,
São para nós um espetáculo como o girar dos sóis.
Cada dia para nós é o mais longo.
Debruçados tranqüilos sobre vossas vidas,
Contemplamos serenos as estrelas que giram,
Respiramos o inverno do mundo sideral;
Somos amigos do Dragão celeste:
Fria e imutável é nossa eterna essência,
Frígido e astral o nosso eterno riso.
Hermann Hesse (O Lobo da Estepe)

Lemos livros de escritores mortos! Rimos com gracejos de defuntos, e choramos com os seus sentimentos patéticos! Sofremos as mesmas doenças físicas e morais que sofreram pessoas mortas e morremos com os mesmos remédios com que finados médicos mataram seus clientes. Reverenciamos os deuses segundo formas e crenças de defuntos. Todos os vossos movimentos, todas as nossas vontades são impedidas pela mão gelada de um morto. Para qualquer lado que viremos os olhos, encontraremos sempre o rosto branquicento de um finado que faz gelar nosso coração. Antes de começar a ter influência no mundo, estamos mortos e o universo já passou a outra geração.

Nathaniel Hawthorne (Trecho do livro "A casa das sete torres")

*BELJOS VERMELHOS TRAZIDOS POR ALVAS MÃOS
ENEGRECIDAS DE SUJEIRA*

sorrisos são mais escassos
o cabelo cresce
e as unhas encolhem
eu me curvo mais a cada passo
toda memória se torna impressão
os momentos mais verdadeiros
são os de abraços que brotam de meus próprios braços
toda lágrima é sangue que a dor filtra e purifica
e o amor é apenas o coágulo que permanece
e apodrece as carnes
de espinhos, sonho e sangue brota a rosa
para adornar o pecado
Juliana Emerenciano

Acordei para sonhar que estive morta um dia.
Abri os olhos... tive um pesadelo... pessoas beijavam meus pés...
Fechei os olhos... obtive uma noite em preto e branco.
Obtive um amor em chamas.
Perdi a cândida lágrima.
Caiu a coerência de consciências.
Pensei em te amar. Quis te matar
O melancólico olhar despertava.
Em flores o torpe corpo estava.
Nos espinhos a aturdida morte bailava.
A concepção nua gritava.
O frio corpo se enrolava no seco espinho.
O sonho a matava para viver a sua solidão.
ENY Ósculo Negro BSB

FATALIDADE

Fértil crânio da terra
Espera a luz vir à tona
Detona a paz nessa espera
Tranquilo e feliz nessa cama
Exclama mas não aguarda
resposta
De costas ele teme o punhal
Fatal como uma gratuita
amostra
De um insustentável prazer
animal
*Eduardo de Moraes (Finis
Africae) - 07/03/89*

Escada abaixo:

Outro dia estive com o espírito do diabo
Desço até onde as chamas permitiram
Não foi o álcool, não foram as anfetaminas
Tampouco a música massacrante
Mas minha própria autoviolência
Que me dragou para baixo
O diabo sorria com olhar vítreo
E as escadas eram decoradas com crucifixos e
estatuas de santos
Eu olhava para mim e me via tão distante, tão
além...
Quando estava prestes a descer o último degrau
Resolvi voltar
E o diabo chorou lágrimas de orvalho...
O HIBERNANTE

Mais uma vez minha voz foi silenciada antes que pudesse
produzir um único
sussurro.
Marble Girl foi-se mais uma vez; perdi-a ontem em alguma rua
escura e
deserta. Pobre menina fada! Havia já colocado seu vestido de
princesa e a
tiara de brilhantes e pedras coloridas guardada por tanto tempo
como um
empoeirado tesouro, para aguardar, cantarolando seus sonhos, a
chegada de
alguém que nunca apareceu.
Ontem eu não soube o que fazer com essa pobre criança...depois
de muito
tempo essa fora a primeira vez em que torci por suas ilusões tolas,
até
mesmo ajudei-a a vestir seus sapatos vermelhos e a pregar flores e
laços na
barra de seu vestido.
Tive tanta pena dela. Tentei fazê-la acreditar que tudo havia sido
vão e que
era hora de dizer adeus, mas em meio a lágrimas e risinhos
infantis ela
gritava: mentira, mentira!- Foi então que a perdi. Ela lançou-me
um último
olhar, o olhar mareado de lágrimas da Ophelia triste e louca e
escapou de
minhas mãos. Tentei segurá-la, mas já era tarde demais. Correu
em direção a
um beco sujo e escuro, e, rodopiando e agitando seus pálidos e
frágeis
braços, ela sumiu. A tiara de pedrinhas espatifou-se ao chão e
tudo que
restou-me dela foi a a lembrança de seu último olhar e um pedaço
de tule
violeta nas mãos.
Alexandra

Silencioso Eco

Se me ergue o temo, em volúpia
As sombras de minhas quimeras
Transcrevo neles minhas angústias
Como silencioso eco às noites...
No arrependimento, pouco bebo
Tampouco me afogo em tolo pranto
Mas numa memória tão distante
Teço a fria rede de meu vazio...
É o tempo, carrasco dos dias
Nascem e morrem, nascem e morrem...
Sempre!
E a cada morte inglória... insistente
Nascem minhas infinitas desventuras...
Sérgio Júnior

Meu desgosto faísca pelo olhos
pois que na minha alma ele arrefece
e é todo tédio, todo gula, todos
sua couraça de fel é meu entulho
e seu fedor me acontece
uma paz invisível o embranquece
mas me faço em fuligens e o escambulho
o meu desgosto é mais que simples fado
quando eu dormir ele estara acordado
e passara de mim a meus filhos
o meu desgosto é o pó esmigalhado
nunca morre, vai com o vento ao prado
e fica na zinabre sobre os trilhos
Carol

ÚLTIMO CIGARRO

Uma esquelética figura arrasta-se através do véu da noite paulistana, adornada pelo frio de julho e sua garoa parcial. Seus lábios rachados tremem por sobre seus dentes a se baterem n'um ritmo contrário ao da densa madrugada, quase que estática; seus olhos, meio que turvos, como duas gemas incrustadas em uma máscara de porcelana, vez ou outra, acompanham aos carros que transitam pelas ruas desertas com seus vidros embaçados, sumindo em curvas de destino certo. Ela mexe no capuz de seu sobretudo para melhor proteger-se do vento que deslancha em rajadas bruscas e fortes a varrer o lixo aos cantos, onde também acumulam-se os mendigos, embrulhados em seus papelões e cobertores sujos enquanto o álcool esquenta-lhes o interior e preenche os pensamentos miseráveis. A soturna personagem segue então sua trilha, com passos embriagados de uma tristeza temperada etilicamente, entra em um beco entre dois edifícios do largo do Paissandú, irrita-se ao tropeçar em algumas velhas caixas de feira esparramadas quase em frente à sua porta; brada alguns palavrões ao léu e, meio que atrapalhada, sobe uma pequena plataforma, composta de alguns degraus, guiando-se por um corrimão enferrujado; apanha com certa dificuldade um molho de chaves em seu sobretudo e, com maior embaraço ainda, consegue por fim abrir as diversas trancas de uma porta de aço, destas que demonstram o quão segura é a vida na civilização. Já dentro do recinto, cuja decoração expõe, relevantemente, ser o abrigo de alguém jovem e solteiro, livra-se do enorme casaco, atirando-o sobre um amontoado de outras peças em um sofá, senta-se aos pés de sua cama e, despindo-se de uma pesada blusa de lã, lança-a entre os cobertores e o edredon bagunçados, em seguida, abaixa-se para descalçar suas botas, desembaraçando sua vasta cabeleira ruíva com uma das mãos, enquanto executa a tarefa com a outra. Mais a vontade, dirige-se a um barzinho pessoal situado na extremidade oposta à entrada do grande cômodo, de onde saca uma garrafa de whisky paraguaio e, sem modos (sempre ausentes na solidão), dobra a garrafa no gargalo, deixando escapar um bocado pelos cantos da boca. Volta para sua cama e deposita a garrafa no criado mudo, aproveitando o ensejo para botar uma música, já que o aparelho de som estava bem próximo, escolhe um cd do U2 e rola "Dancing Barefoot", acionando o repeat. Lançando tudo o que havia em cima da cama para o chão, inclusive sua bolsa, puxa os cobertores sobre si, encolhendo-se sentada à cabeceira; toma em suas mãos o whisky barato, aplicando-lhe goladas consecutivas, até engasgar-se em uma delas... enfia a cabeça entre os joelhos, tentando conter a explosão eminente em seus olhos rasos d'água e no nó atado à sua garganta. A mágoa caminha em sua face e soluços dão ritmo ao seu choro mas, em um espasmo de lucidez súbita, enxugando as lágrimas de seus olhos, procura por sua bolsa, tateando com mãos trêmulas pela superfície de seu leito, recordando-se de haver lançado tudo abaixo; desajeitadamente, atira-se entre as roupas e objetos pessoais esparramados pelo carpete ao lado de sua cama, emergindo segundos depois, triunfante, em posse de seu prêmio. Posiciona-se comodamente e, antes de dirigir seu olhar para a bolsa, passa com os olhos sobre um porta retratos intencionalmente emborcado para baixo e um relógio digital marcando 3:40 da madrugada e a data de um feriado religioso, o que a faz retorcer o rosto em uma careta de desgosto; volta novamente sua atenção à bolsa, vasculhando-a atrás de um maço de cigarros que havia deixado, talvez, por ali. Ao encontrar o tal maço, nota haver apenas um último símbolo de seu vício, o envolve com as mãos e observa a todos detalhes, imaginando diversas possibilidades de tê-lo vivo, como uma incerta esperança, um mero descaso ao mundo frio e cinza ao seu redor; um amor, derradeira gota de seu escarro para quando estivesse pendurada em uma das cordas da lira de Orfeu... Tomada deste impulso surreal, desta estranha paixão, ela o acende e traga, fazendo-o fluir dentro de seu ser, partilhar de sua alma; embriaga-se na nicotina de um sabor amargo e prazeroso, embalada em uma canção airosa, tal uma bailarina ao som tácito do Tanhäuser de Wagner. Porém, aos poucos o fim aproxima-se... e, como uma amante triste antes da despedida, torna a chorar, comparando-se em sua trajetória amorosa ao "pobre" cigarro: Em princípio fascinante, adorada no decorrer e, após consumado o uso, lançada a um canto, abandonada, até sua chama interior extinguir-se completamente, permanecendo ali, como uma bituca de cigarro, apagada e sem vida...

27/07/95 - M. Affinito

O homem à procura do nada

O homem à procura do nada

O homem à procura do nada

Não me convidem mais para sair, pois não irei a lugar nenhum. Sei que logo não mais terei a companhia de meus últimos, poucos, bons e fiéis amigos. Eles já me aguentaram por muito tempo, mais do que eu merecia. Agora, a solidão é pra valer, não apenas sonho de misantropo. Por favor, não me chamem mais para ir a esses encontros sociais noturnos. Ainda me chamam de moço, mas me sinto velho, terrivelmente velho. Não me identifico com nenhum destes jovens que saem fantasiados pela noite. Nem darks, nem rockers, nem punks, nem anarquistas, nem fascistas, nem socialistas. Não sei o que faço por aqui, nessa cidade cheia destes tipos. Uns cagando regra, outros se enfeitando como pavões de madrugada. Pensam que sabem o que é ser céptico, mas não passam de garotinhos apaixonados brincando de sadomasoquismo. Quem sabe se eu me tatuasse por todo o corpo, enchesse meus poros de piercings, deixasse crescer costeletas & cabelos, comprasse roupas de couro nessas lojinhas de moda, quem sabe assim, eu pensaria diferente? Ou eles pensariam diferente? Sorte dos garotinhos apaixonados! Sorte dos que ainda conseguem se apaixonar! Como se dá a paixão, como acontece o amor nessas casas noturnas? Todo mundo trepa com todo mundo, até o final da faculdade, quando todos se casam e quase renegam o passado? Como esperam que eu participe disto se nunca amei ou fui amado? Como esperam que eu faça parte da orgia, se eu acredito nos filmecos bestas de hollywood? Ah, me desculpem se não gostei de "Merdrinx" nem da "Cuca de Blair". Não disse, que não tínhamos nada em comum? Odeio estes filmes que vocês adoram, acho que odeio tudo que vocês adoram. A própria vida, por exemplo. Como vocês esperam que eu ame a vida, se não suporto minha própria existência? Como alguém que não teve amor na adolescência, na juventude, na vida adulta, pode pensar em poesias que falem do sol, da lua, das flores? Acho que fiz bem ao excluir de minha vida o sexo feminino. O duro é a fama de bicha, logo eu, que tenho rígida formação católica e não suporto essa viadagem pernóstica dos guetos urbanos. Não quero saber de beijar homem na boca, apenas devolvo às mulheres todo o desprezo que sofri ao longo dos anos deste vil gênero da humanidade. Misogoina justa, de rancor procedente, ressentimento digno de frustrações colossais. Mágoas não se apagam com viagens, percorri vários países e me senti ainda mais sórdido do que o mais desprezível dos personagens de Dickens. Viajar, paisagens bonitas, novos encontros, são ilusões para garotinhos apaixonados. Para os cépticos, viagens são as lanternas mágicas inúteis de Schopenhauer (felizes daquele que nunca leram tal filósofo).

José Salles

1984



Sou um viciado em estórias, o que também inclui filmes das mais diversificadas naturezas. Estava passando os olhos pelas prateleiras de uma locadora em busca de algum clássico de Western, quando notei que ao lado, entre os filmes bíblicos (alguns são bons de se verificar), estava "1984"... imaginei sofrer um golpe de vista... fixei bem os olhos na capa daquela fita e constatei não estar enganado... Realmente tratava-se de "1984" de Jorge Orwell, não vacilei e levei o filme pra assistir com minha namorada. Tratando-se de adaptações, o cinema poucas vezes foi feliz, sempre havendo um roteirista metido a besta que se encarregou de mudar alguns aspectos do original com a finalidade de tornar a obra mais consumível para o público, além do elenco escalado nunca bater com as expectativas em relação aos personagens das tramas... Esse tipo de "medo" consumia-me no caminho até em casa, já que ao lado de "Admirável mundo novo", de Huxley, "1984" fôra um dos livros que mais causaram impacto neste humilde devorador de estórias. Assisti a fita inteira e ao final, fiquei espantado com a fidelidade do cenário e as dimensões em que cada detalhe foram explorados... O "Grande Irmão" novamente tomou meu coração em suas mãos e o dilacerou... Ao terminar o filme me dei conta de que havia acabado de assistir a mais fiel adaptação de um livro, que por sua vez, especulou sobre um futuro que talvez não esteja tão longe, 1984 passou por nós americanos sem muitos estragos, mas o que dizer sobre os que vivem o regime totalitário de países como a china? E há quem diga que o "Grande Irmão" responda pela alcunha de "Tio Sam".

Filmado exatamente na data imaginada por Orwell, entre abril e julho de 1984, o filme é conduzido em toda sua integridade por um clima tenso, ambientado em uma atmosfera cinzenta e devastada, onde Winston Smith (John Hurt Alien o 8º passageiro), um operário do "Partido", Instituição governamental totalitária que governa a imaginária potência mundial de então pela representação de um computador (Grande Irmão) e que vive em constante guerra com algum oponente, vê-se diante de dilemas sobre sua liberdade e a devoção ao partido. A trama gira justamente ao redor de Winston, que se entrega às suas paixões, ao lado de sua amada Julia (Suzanna Hamilton)... passando a burlar as normas do partido (todos relacionamentos não institucionalizados são expressamente proibidos), questionando suas "verdades" (Quem controla o passado, controla o presente, quem controla o presente, controla o futuro), escrevendo notas subversivas em um diário, enquanto representa entre seus companheiros de trabalho total devoção ao partido. Esse filme marca também a despedida de Richard Burton (no papel de O'Brien o inquisidor) das telas, pois faleceu meses após o final das filmagens. A trilha sonora da banda "Eurythmics" também se encaixa perfeitamente no clima da estória, maravilhosamente dirigida por Michael Radford, e Fotografia por Roger Deakins. (1984 Top Tape Home Vídeo 1984)

"- Como um homem assegura seu poder sobre o outro? (O'Brien)

• Fazendo-o sofrer. (Winston)

• Exatamente. Obediência não é o bastante. Poder é causar dor e humilhação, senão você não terá segurança. Poder significa esfaquear a mente humana... e reconstituí-la dentro de seu molde. Poder não é um meio, mas um fim. (O'Brien)

Eis um trecho de um diálogo entre uma tortura e outra, entre o Algoz e a Vítima. Vale lembrar que 1984 inspirou grandes nomes como 'Allan Moore V de Vingança'; e a banda "Poesie Noire No Beach".

Assistam e tirem suas conclusões...

Morpheus Affinito

O Diabo e a música

O Diabo entrou pessoalmente na história da música no ano de 1713. O famoso violinista Giuseppe Tartini tinha então apenas vinte e dois anos e era hóspede do Sagrado Convento De Assis. Uma noite, enquanto ele dormia numa cela do convento, apareceu-lhe em sonho o Diabo, que, tendo tomado em mão o violino, começou a tocar num estilo extravagante e desconcertante, conseguindo tirar do instrumento efeitos inauditos de brilho e vigor, ignorados dos concertistas desse tempo. O Diabo gargalhava e contorcia-se, enquanto executava com fogo crescente essa música infernal e quando terminou, lançou reptu ao "virtuoso" adormecido para que repetisse com o instrumento o que acabava de ouvir. O Jovem Tartini ergueu-se de supetão e, se bem que atarantado pela emoção que nele suscitara o sonho, experimentou repetir e transcrever depois em notas musicais o que o Diabo lhe fizera sentir. Não logrou, naturalmente, reproduzir por inteiro a diabólica sonata, mas os trechos que pôde recordar permanecem entre as suas obras com o título de "Trilo do Diabo"; e a composição contém tais e tantas inovações de técnica que os historiadores e críticos a consideraram como o primórdio de uma nova era na arte do violino. Tartini executou o Trilo em muitos dos seus concertos, mas a obra só foi publicada durante a Revolução Francesa, em 1790.

Não se trata de uma lenda. O próprio Tartini contou em uma carta a estranha aventura, da qual achamos de resto uma longa descrição no "Voyage in Italie", de Lalande, publicada em 1769. Essa aparição do Diabo parece ainda mais diabólica quando se pensa que aconteceu num convento franciscano, na mesma pátria do maior imitador de Cristo de que se ufana a Cristandade. Foi pois, a de Tartini, também uma tentação, mas de nenhum modo maligna e funesta como as outras, visto que promoveu a fortuna e a glória do jovem músico e realizou um autêntico progresso na arte.

O Diabo, ao que parece, prefere, entre todos os instrumentos da música humana, o violino. Dele se voltou a falar, com efeito, um século depois, nos tempos dos clamorosos triunfos de Niccolò Paganini. Quem viu o prodigioso violinista, especialmente fora de Itália, e observou a sua figura longa e magra, sua cabeleira desganhada, a expressão extática do seu rosto, os movimentos quase convulsos dos seus membros, foi perturbado e arrepanhado pelos sons frenéticos, originais e infernais que jorravam do seu mágico instrumento, julgou quicá que Paganini estivesse possuído pelo Diabo, ou, ao menos, tivesse dele recebido o segredo daqueles extravagantes achados de virtuosismo que assombravam e confundiam, não só as multidões como os próprios músicos. A fama de demoníaco inspirado acompanhou Paganini durante o resto da vida, tanto é certo que, quando morreu, em 1840, em Nice, foi-lhe negada, por essa razão, a sepultura em terra sagrada. À reputação diabólica não foram estranhas certas obras que ele compôs, certas variações que patenteavam um poder diabólico de evocação. Principalmente aquelas *Brujas* uma das suas composições mais célebres, escrita em 1813, um século exato depois do "Trilo do Diabo" conquanto inspiradas na "Noz de Benevento de Sussmayer, são inteiramente paganinianas nas suas acrobacias sonoras, e puderam fazer pensar no negro autocrata das feiticeiras.

Na verdade uma tal ou qual cooperação satânica pressente-se em muitas obras de Paganini: em certas insistências ansiosas e evocativas; em certos arrebatamentos e rasgos que lembram uma chacota luciferesca; em certas subidas e quedas de sonoridade soluçantes ou estridentes, que parecem sair de uma alma desesperada do Averno. Se o Diabo jamais pensou fazer-se músico, não há dúvida que se encarnou no corpo esguio, espectral, de Niccolò Paganini. Mesmo depois dele, quase todos os violinistas e principalmente os de sangue e estilo zingaro têm por momentos, na máscara de olhar sombrio e na violência desdenhosa dos sons, uma aura diabólica.

Satã, sob as vestes de Mefistófeles, fez também a sua entrada como personagem de teatro de ópera, mas nem sempre se prestou a ajudar os músicos que o fizeram cantar. Alguns tons satânicos contém o Mefistófeles de Berlioz; somente Moussorgski, na cena faustiana da Cantina de Auerbach, conseguiu dar voz musical ao estrondoso gargalhar de Mefistófeles.

Mas toda a música, sendo arte mágica de origem mágica, opera cada dia a mágica transmutação das almas. É quase nigromância, enquanto ressuscita os mortos e dá mais vida aos moribundos; em suma, tem sempre relação, mais ou menos visível, com o Demônio. A música negra ou de imitação selvática é, por exemplo, a mais adaptada ao vil pessoal do inferno, com as suas eructações insolentes, os soluços enfadonhos e os batuques bestiais. Mas o velho Satã é mais requintado artista. Quando quer desafogar a exultância raivosa do Sabá com um pouco de música, ainda hoje recorre aos violinos de Tartini e Paganini.

Giovanni Papini (Livro: O Diabo, 1953)

OS GODO

Cid Vale Ferreira

Rumo ao sul.

Apalavra Gotar, antigo título escandinavo dado a heróis de guerra, deu nome a uma tribo da ilha Götaland, na Suécia. Segundo lendas da Era do Bronze, os Gotars descendem do deus Gaut, um ancestral mítico, que se enforcou numa árvore por nove noites, descobrindo as runas (mistérios) do mundo nos domínios da morte. Tido como um dos vários nomes de Odín, algumas teorias defendem que Gaut significa "aquele de Götaland", mas algumas publicações como o "Edda-dictionary" o contextualizam na mitologia nórdica, traduzindo-no como "eleito a ser sacrificado".

Parte desta tribo belicosa rumou ao sul e desembarcou no litoral alemão, estabelecendo-se posteriormente nas redondezas do Mar Negro como uma confederação de tribos germânicas, os Godos (que reuniam as tribos Gotar, Ýtas e Gutar, entre outras), unidos pela religião. Entretanto, as investidas dos Hunos os dividem entre os que se concentram na Ucrânia (Ostrogodos - "Godos do Leste") e os que buscam proteção nas montanhas da Transilvânia (Visigodos - "Godos Nobres"). Em 375, os Hunos subjagam os guerreiros Ostrogodos, que, escravizados, engrossam os exércitos inimigos como mercenários.

Visigodos.

Por sua vez, os visigodos continuam a penetrar no continente, sofrendo profundos choques culturais conforme se deslocam. Ao migrarem para o Oeste, enviam embaixadores à Romênia esperançosos de se anexar ao Império Romano. Propunham, caso obtivessem razoável porção de terra, converter-se ao cristianismo e se submeter às ordens do Imperador Valens, que prontamente os aceitou. Entretanto, receberam terras estratégicas, que os transformariam num escudo vivo contra a invasão de outros povos. Conforme previsto pelo acordo, o bispo visigodo Ulfilas inventa um alfabeto próprio com base nos caracteres gregos e latinos, fazendo com que o gótico se torne a primeira língua germânica possível de ser lida e escrita. A Bíblia é imediatamente traduzida, mas o cristianismo pregado aos visigodos incute no Arianismo, uma heresia cristã do século IV que racionalizava alguns aspectos do Novo Testamento ao negar, por exemplo, a natureza divina de Jesus. Convertidos, cerca de duzentos mil visigodos cruzam o Danúbio e se deparam com preços e impostos opressores. Rapidamente endividada, a maior parte dos bárbaros se vê obrigada a comprar em mercados insalubres, onde mal podem pagar pela carne dos cães que morriam adoecidos...

Cadavera Vero Innumera.

Agravando a situação, os refugiados não obtêm nenhuma autonomia política e passam a atrair preconceito por suas singularidades religiosas e lingüísticas. Os mercadores passam a exigir os filhos dos endividados como pagamento, destinando as crianças à escravidão. O general romano Lupicínio convida Fritigern, um líder visigodo, para que tentem encontrar uma solução ao impasse. Era uma cilada. Fritigern escapa ileso e incita seu povo a reagir. Famintos e desmoralizados, os Visigodos vislumbram uma chance de recuperar sua dignidade e, em 378, preferindo morrer em combate a sucumbir à fome, matam Lupicínio e todo seu exército. Roma envia reforços, mas os bárbaros invadem, saqueiam e incendiam a cidade de Adrianópolis (matando o Imperador Valens), numa das piores derrotas da história do Império. Theodosius, que assume o leste europeu após a morte de Valens, articula acordos com os Visigodos e lhes concede privilégios fiscais que asseguram uma convivência mutuamente proveitosa. Ambos os lados estreitavam laços de lealdade, mas os sucessores de Theodosius sinalizam mudanças e cancelam as isenções que viabilizavam a paz. Surpreendidos, os Visigodos elegem Alarico seu novo rei, na urgência de assegurar a solidez de seu recém conquistado reino. Treinado pelas tropas romanas, Alarico escolhe a Itália como local de implantação de seu reino. Preperando-se, seu exército começa a pilhar cidades gregas pelo caminho, conseguindo mantimentos e escravos. Humilhados, os romanos são tomados por um forte racismo anti-germânico e massacram famílias inocentes de Ostrogodos que lutavam em seus próprios exércitos. Foi o suficiente para que - após décadas de separação - os mercenários enfurecidos se unissem aos Visigodos que, fortalecidos, derrubam várias outras cidades. A ousadia maior data de 410, ano em que invadiram, pilharam e depredaram nada menos que Roma, a opulenta capital. Esta apunhalada no orgulho romano foi apenas uma das diversas amostras da vulnerabilidade em que se encontrava seu extenso e frágil Império. Após o traumático saque, os visigodos absorveram outras tribos e culturas, fixando um reino católico que se estendia do norte da Itália ao noroeste da Espanha.

Os Ostrogodos conquistaram sua independência em 454, através das conquistas de Teodorico, o Grande. Quando o Império ruiu, em 476, o rei Visigodo Odoacro reivindicou a Itália e seu reino continuou se expandindo até ser finalmente desmantelado na conquista da Península Ibérica pelos Mouros, em 711.

Idade das Trevas.

Em 395, Constantino muda a capital de Roma para Constantinopla - o marco que separa a Antiguidade da Idade Média. A lenta queda do Império Romano engendra profundas transformações, o modo de vida germânico se mescla aos derrotados, mas suas culturas são tão diferentes que a herança greco-romana é prontamente descartada, permanecendo praticamente esquecida por mais de três séculos. Superstições passam a influenciar as leis e as relações sociais refletem os diversos tipos de pactos dos Germânicos.

Fatiado em vários reinos pelos invasores, o continente europeu tem suas rotas comerciais estranguladas pelas fronteiras. Como o dinheiro não circula, a propriedade agrícola volta a ser a base da produção, obrigando a população urbana a se espalhar pelo campo. As cidades mínguam e a sociedade medieval se reorganiza ao redor dos latifundiários, iniciando o que seria conhecido como Senhorialismo. Limitando sua soberania apenas às suas terras, os reis estabelecem relações de lealdade com os senhores feudais. Ao ceder terras e títulos de nobreza, os reis obtêm o apoio militar destes proprietários-patriarcas que, por sua vez, exercem cada vez mais poder em seus territórios. As conseqüências da ruralização sobre a cultura foram devastadoras. O baixo povoamento das áreas rurais inviabiliza a educação e a Europa mergulha num analfabetismo quase absoluto. Na arte, há o predomínio das tradições bárbaras, cuja produção é, devido ao caráter nômade das tribos, estritamente ornamental, limitando-se geralmente a pequenos objetos como pingentes, brincos, pulseiras e colares. No século VII, o único foco de preservação e transmissão da cultura clássica era a Igreja. As escolas para a formação do clero - as únicas instituições educacionais da época - eram muito procuradas pelas famílias aristocráticas. Assim, os descendentes dos bárbaros são progressivamente convertidos ao catolicismo e a Igreja passa a desempenhar um papel crucial na sociedade, influenciando até mesmo as decisões do Estado.

"Gótico" (Relativo aos Godos).

"Destrua o ídolo. Purifique os templos com água benta. Espalhe relíquias por lá e deixe que eles se tornem templos do verdadeiro Deus. Assim, as pessoas não terão a necessidade de mudar seus locais de celebração. Deixe-os continuar a peregrinar para onde eles sacrificavam seu gado aos demônios, pois no dia do santo ao qual a Igreja for dedicada, eles matarão seus animais não mais como um sacrifício, mas como uma refeição social em honra à Aquele que agora veneram."

Instruções do Papa Gregório VIII, século XII.

Assistir as construções e monumentos greco-romanos serem destruídos por estrangeiros traumatizou a tal ponto o imaginário italiano que a consciência da Queda do Império foi transmitida através das gerações com requintes de amargura. Mais tarde, no Renascimento do século XVI, a palavra "godo" se torna uma generalização que resume a idéia do "inculto que desrespeita a arte clássica". É nesta época e contexto que surge um novo conceito de "arte gótica". Inicialmente usada como "arte própria dos godos", a expressão se torna uma classificação cunhada para depreciar o valor da arte cristã produzida entre o séc. XII e XVI, época em que a Igreja adotara a estratégia de absorver as estéticas pré-cristãs dos locais onde se instalaria, incluindo até mesmo arabescos e referências pagãs em sua arquitetura.

Assim como os godos (cristãos hereges) invadiram Roma (cristãos católicos), esta arquitetura cristã "impura" - com suas ogivas, gárgulas, vitrais e filigranas - predominou sobre a arquitetura românica, que seguia à risca os padrões clássicos. Desta forma, mesmo tendo gerado manifestações multiformes nestes quase quatro séculos de duração, estes estilos divergiram tanto da "norma" italiana que renascentistas como Giorgio Vasari e Raffaello Sanzio, com a intenção de conferir-lhes uma aura de vulgaridade, agruparam-nos todos sob um termo pejorativo e xenófobo: "gótico".

O que eles não sabiam é que, ao batizar assim tudo o que se opunha ao clássico, eles haviam outorgado uma coesão ao caos obscurantista medieval que, de outra forma (sendo encarado de maneira fragmentária), dificilmente teria o peso que adquiriu como oposição ao racionalismo. Isto logo viria a ser comprovado. Assim como os artistas italianos repudiaram a Idade Média com um Renascimento Clássico no século XVI, a aristocracia Inglesa repudiou o Iluminismo com um Renascimento Gótico no século XVIII...

MALDOROR



“... Há quem escreva em busca dos aplausos humanos, através das nobres qualidades do coração que a imaginação inventa ou que eles podem ter. Quanto a mim, faço que meu gênio sirva para pintar as delícias da crueldade! Delícias não passageiras, artificiais; mas que começaram com o homem, e terminarão com ele. Não pode o gênio aliar-se à crueldade nas resoluções secretas da providência? Ou, por ser cruel, não se pode ter gênio? A prova será vista em minhas palavras; basta que me escuteis, se quiserdes...”

“... Como alimentação adstringente e tônica, arrancarás primeiro os braços de tua mãe (se é que ela ainda existe), tu os picarás em pedacinhos, e os comerás logo em seguida, em um só dia, sem que nenhum traço do teu rosto traia tua emoção... - ... A poção mais lenitiva que te aconselho é uma bacia, cheia de pus blenorragico com nódulos, na qual previamente terás dissolvido um quisto piloso do ovário, um cancro folicular, um prepúcio inflamado, virado para trás da glândula por uma parafimose, e três lesmas vermelhas. Caso sigas a minha receita, minha poesia te receberás de braços abertos, como quando um piolho secciona, com seus beijos, a raiz de um cabelo...”

“...Estou sujo. Os piolhos me roem. Os porcos, quando me olham, vomitam. As crostas e as pústulas da lepra escamaram a minha pele, coberta de pus amarelado. Sobre a minha nuca, como sobre um monte de esterco, cresce um enorme cogumelo, com seus pedúnculos umberíferos...”



Lautréamont pode ser considerado To ícone absoluto da poesia maldita... seus escritos explodem na essência de um ritual cenobita, uma queda nas profundezas da maldade no abismo do ego humano, excede a frieza do raciocínio descambando na paixão de uma alma tortuosa e visionária... seus conceitos são como a embriagues mística de um sacerdote negro, não existem arestas a serem amparadas, a erva daninha impera num jardim onde as flores servem de mera decoração ao mais sublime caos; seus cantos permeiam a margem do irreal, suas criaturas são desalentos e rancores que ganham vida nas formas mais extravagantes possíveis (e por que não dizer impossíveis, ou impensáveis...), uma cerimônia de corrupção e vilania desenvolvidas sob a ótica de uma personalidade esquizofrênica de um gênio sobrenatural. O uruguaio Isidore Ducasse (alter ego de Lautréamont) nasceu em 04 de abril de 1846, perdeu a mãe aos 2 anos de idade e quase não conviveu com o pai, que prestava serviços ao consulado da França em Montevideu, e aos 13 anos foi enviado para o Liceu de Tarbes, na região dos Pirineus, em França, onde estudou também no Liceu de Paus, situado na mesma região... conta-se que visitou seu país no ano de 1867, hipótese levantada por menções a uma viagem em um de seus textos. Imagine a formação psicológica de uma pessoa que desconheceu o amor materno, e mesmo o paterno, vivendo em um constante exílio durante toda a sua juventude... lapidado pela solidão e áspero terreno da convivência com estranhos... suponho que essa foi a atmosfera que englobava o universo particular do jovem Ducasse. Suas leituras fazem referência a escritores como Byron, Alfred de Musset e Baudelaire, além de Eugène Sue, autor de “Os Mistérios de Paris”, de onde retirou o pseudônimo “Conde de Lautreamont” inspirado em uma de suas personagens. Os CANTOS DE MALDOROR foram lançados na íntegra em meados de 1969, mas permaneceu oculta pelo editor Lacroix, por temer represálias e processos que poderiam decorrer do lançamento de uma obra com tamanho teor de perversão. Algumas correspondências de Lautreamont com seus editores e uma notificação de Poulet-Malassis, editor das flores do mal, são a única evidência da existência efêmera de Ducasse, além de seu atestado de óbito declarando o seu falecimento em 24 de novembro de 1870, às oito horas da manhã, enquanto ainda ostentava seus 24 anos de idade. São muitos os mistérios e hipóteses que cercam a vida do autor, que em seus últimos escritos arriscou corrigir os poemas de alguns outros malditos que o inspiraram (Byron e Musset, entre outros), negando desta forma, não apenas suas influências, como todo o conteúdo de sua própria obra... quem sabe um escárnio final... Diz a lenda que para compor seus trabalhos, debruçava-se sobre um piano e alternava-se entre a melodia, seus escritos, o tabaco e o vinho. Sua influência pesou sobre mestres como J.K. Huysmans, Leon Bloy e Anatole France, não bastasse isso, é considerado o pai supremo da escola surrealista, tendo relevante impacto na obra de Antonin Artaud e Alfred Jarry... Seus escritos vieram à tona graças a outros nomes de enorme importância na literatura do início do século como: Octávio Paz, Georges Bataille e André Breton (autor do Manifesto Surrealista). No Brasil, sua introdução deve-se ao escritor e grande estudioso de literatura maldita Cláudio Willer, que compôs uma bela introdução e construiu uma ótima abordagem da vida do escritor na re-edição brasileira, sendo que a primeira edição lançada em nosso país foi em 1970 (também traduzida por Willer), durante o centenário do lançamento original. A quem atrever-se a adentrar por um breve momento em suas páginas de erosão psíquica, encontrara zoofilia, pedofilia, homossexualismo, sado masoquismo e, mesmo uma visão dispare das próprias margens da insanidade... um livro de cabeceira mais do que significativo, em tempos que depravação e subversão tornaram-se produtos em prateleiras de supermercado. Tenham uma agradável noite sob os olhos escancarados de Maldoror!!!

#MorpheusAffinito



O FOCO ESPECULATIVO & ANDY WARHOL

(1928? 1987) # Deusdete R. Morais.

Quando Andy Warhol dirigiu o foco de sua Polaroid para rostos célebres de seu tempo, deu início a uma nova maneira de compreender o "ser americano"; não mais a auto-imagem harmoniosa de uma nação, traçada no Departamento de Estado e propagada mundo afora - o indivíduo único, representação de si e em si o seu mundo particular, vide o seu auto retrato ou o de Liz Taylor. Desde então passou a merecer um olhar destituído do automatismo de interpretação dirigida. Com isto, sem alarde, desestruturou de maneira quase imperceptível a maneira "desejável" de ver e fazer fotografia entre os americanos, seguros até então de sua imagem sempre positiva ante o mundo, um positivismo pouco natural, de propaganda barata e eficiente. Mas registre-se, não houve qualquer pioneirismo em seu registro fotográfico centralizado no indivíduo, este dado está mesmo na fotografia desde o seu nascimento. E onde estaria a especificidade de Warhol? O lance de dados certos, pontuação máxima, está em levar este registro a um experimento extremo, destituindo o registro de adereços e concentrando-se no que define um indivíduo, seu rosto, com suas marcas físicas e psicológicas, seus subterfúgios, seus temores; o rosto sempre único, indivisível.



Se antes havia o quadro com o indivíduo visto de corpo inteiro, tronco ou mesmo só a partir do rosto, com todos adereços possíveis segundo a concepção do fotógrafo, Warhol tratou de eliminar o quadro assim estabelecido, e o corpo. Concentrou-se no rosto, tão e só, elemento chave sempre a dizer tudo de uma existência.

Mas restou a possibilidade do espaço mental em que cada espectador poderia inserir aquela imagem solta sem maneirismos no espaço, transportando-a especulativamente para uma situação de estúdio ou espaço aberto, florido, pleno de sugestões. Em Warhol, assim com em "Mapplethorpe" (que é um outro caso), a fotografia permite a especulação espacial de modo absolutamente livre. Cerebral ao extremo, este dado talvez tenha sido intencional, como tudo em sua obra ou quase tudo em sua vida.

Na produção americana recente, sobretudo a vinda à luz depois da morte de Warhol em fevereiro de 1987, em relação a essa questão, o indivíduo e o espaço, é possível visualizar um novo salto e, curiosamente, é um salto que busca no passado anterior a Warhol, informações seguras para a transformação da fotografia americana, no modo de vê-la e de fazê-la.

Agora o espaço, o quadro, retornam ao foco, à fotografia, mas vem delimitado, como a dizer ao espectador: este é o espaço dado, este é o quadro, e especulações quanto a esses elementos não são possíveis. Intencional? Sim, pois só isto pode e, realmente, diferencia fotos ocasionais, sem pretensão, inscritas no modo tradicional de fotografar, das realizações de fotógrafos como "Nan Goldin", onde todos os elementos da fotografia acadêmica se encontram acrescidos deste novo dado que impossibilita especulações, fechando o registro fotográfico em si, o que não se dá em relação aos registros acadêmicos; onde a questão do quadro, do espaço, estão sempre a nos lançar em diversas situações possíveis, mas nunca, como no caso de Warhol, em especulações infinitas.

Aqui o paradoxo, a aproximação com Andy Warhol. Se fotógrafos contemporâneos americanos como a já citada Goldin, ou "Ariane Lopes-Huci", "Mark Morrisroe" (o mais transgressivo de todos, de curta maneira, morto em 1989 aos 30 anos), e "Andrés Serrano", trazem novamente o quadro e o espaço para compor junto com o indivíduo suas fotografias, teoricamente possibilitando múltiplas especulações temporais e espaciais como registrado acima, ao mesmo tempo circunscrevem suas fotografias no tempo que Warhol, segundo argumentação de "Giulio Carlo Argan", inseriu todas as suas obras: o passado. Mas aqui, este dado, o passado, tem um tratamento diferente do de Warhol, e o novo, o dado de valor na obra destes fotógrafos, o indivíduo e os adereços do quadro, estão fechados num dado instante, num dado espaço físico, impossível de repetição ou transposição efetuada por nossas mentes especulativas, ao contrário da obra de Warhol. Isto o novo na feitura e leitura fotográfica, mas nunca uma regra, uma escola da fotografia americana contemporânea.

Movimento Gótico?

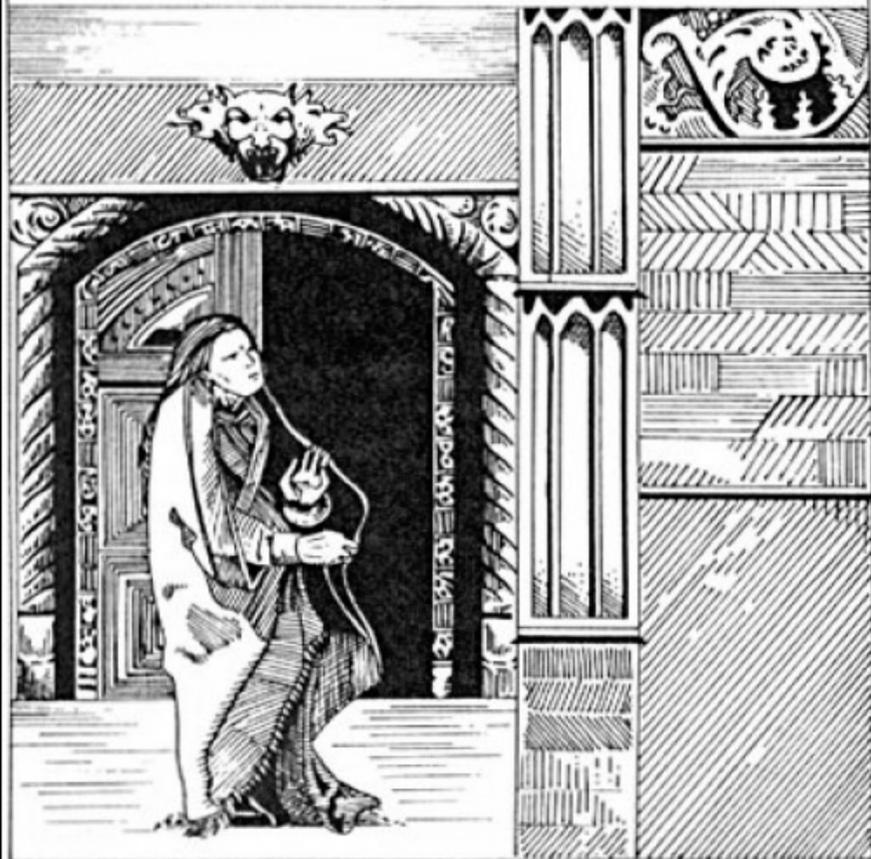
Em primeiro lugar, não existe e nem nunca existiu um "movimento" gótico... não há um ideal ou reivindicação comum aos adeptos do gênero e muito menos uma organização em prol de algum objetivo associado à passeatas, manifestos ou coisas desse tipo... o fato é que o único "movimento" que observei por parte dos góticos, são aqueles "para frente e para trás" ou "de cara virada para a parede" ou ainda "catando borboleta" nas pistas de dança das casas noturnas. Quanto ao visual, que alguns dizem ostentar como forma de "protesto", ora sejamos sinceros, a maioria utiliza do mesmo apenas para frequentar festas e casas noturnas, expor sua figura e dessa forma atrair parceiros... nada de errado nisso, apenas percebo que dessa forma o termo certo para referir-se a esses góticos seria "Clubbers";

Acreditem, respeito o elemento individual de cada um, pois tenho consciência que nem todos fazem parte do contexto em que se enquadram a maioria, visto que é quase impossível unir boa parte das pessoas adeptas do estilo em função de qualquer coisa senão a diversão... o que prova que os "góticos" em sua maioria não diferem dos "Clubbers". Importante ressaltar que o Sérgio Mallandro lançou uma música chamada "Dança do Morcego", inspirada em uma balada que fez em uma casa noturna, saquem o refrão: "Abre o braço e estufa o peito, essa é a dança do morcego" óbvio que tirou isso da galera agitando EBM... "Para frente e para trás, vou mostrar como é que faz..." isto, dispensa comentários... - Essa crítica não implica no fato de cada um gostar do que queira, cada qual é dono do seu nariz, mas é importante frisar a realidade, desbancando a ilusão de que se vestir de preto e sair para beber durante finais de semana em casas noturnas constitua um movimento. Muitos se apóiam no contexto das letras das bandas que costumamos ouvir como base de contestação aos parâmetros da sociedade, porém é relevante lembrar que nem sempre é possível entender o que é dito nessas letras em línguas estrangeiras, além de que muitas vezes as bandas ditas "góticas" como por exemplo Joy Division, Mecano, Smiths, Dead Can Dance e Death In June, só para citar algumas, nunca se firmaram nesse rótulo pejorativo, sendo que outras como Bauhaus, Cocteau Twins, Sisters e Fields, sempre discursaram contra a apologia desse segmento musical, devido talvez ao comportamento de seus seguidores... notei também que bandas que se auto rotularam como góticas nos casos de "Two Witches", Lacrimosa e o outro Christian Death de Valor Hand, possuem letras de uma estupidez incrível ou extremamente bregas, piores que as do Amado Batista (esse tem até letras mais "góticas") novamente voltamos aos clubbers, que somente se apegam ao som para dançar, sem ligar para letras ou coisas que o valham, simplesmente assumindo sua busca por diversão, o que os livra da hipocrisia, sendo que por pior que seja o lixo que consomem, ao menos o fazem com categoria e de forma verdadeira. Afinal, tudo o que escrevi foi para lamentar a falta de cérebro na maioria dos adeptos, que estão mais preocupados em se dizerem diferentes do que em fazer a diferença... Na maioria das vezes nem conhecem as bandas brasileiras que estão por aí, mas se vem qualquer podreira de fora, com certeza estarão lá para se ajoelhar aos pés de qualquer porcaria importada, comportando-se como adolescentes no show do Menudo... Sem contar a porcaria da cartilha gótica que parecem seguir... sempre mencionando os mesmos escritores, bandas e adorando o estereótipo gótico que algum idiota do mesmo nível passou para eles... no fundo, como diria Raul: "É falta de cultura pra cuspir na estrutura."

Thane Ector El Matador de pulgas de cemitério. Louis.cypher@bol.com.br

O ESTRIGE

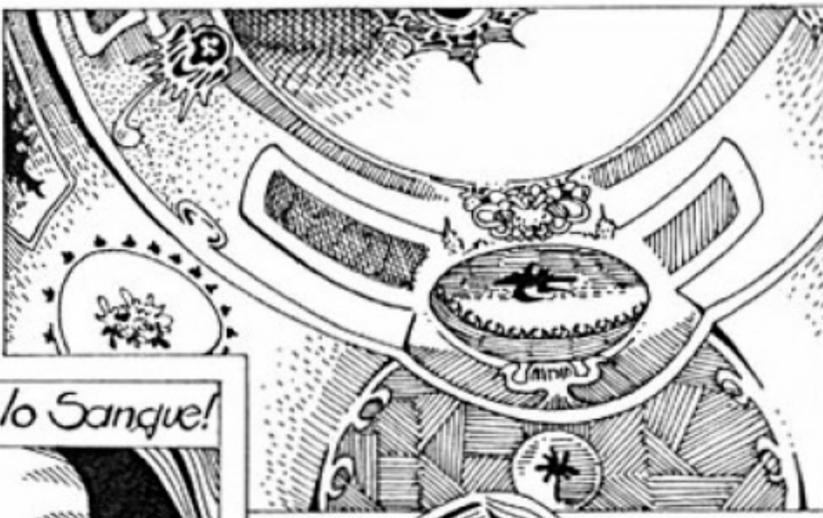
Unidos pelo sangue e por um amor que vence o tempo; que vence a morte ...



as sombras são nosso eterno lar e nossa alcova; onde juramos um amor, além de nossa maldição!



Nossa aliança sobrenatural fortalece meu coração, que mesmo mergulhado em escuridão eterna; pertence a ti ...



Unidos pelo Sangue!



Separados agora pelas mãos do destino; aguardo os momentos em que estarás em meus braços novamente ...

Fim

Quintas O melhor dos anos 80. Bar / Consumo.
Sextas Gothic Rock, Doom, EBM e Darkwave. Bar / Consumo.
Sábados 80's, Indie, Alternative Rock. (Noite do Bebum bebida livre)
Domingos Gothic Rock, 80's, Darkwave. Bar / Consumo.

R. Conselheiro Ramalho, 873- Bela Vista- São Paulo
Informações: (011) 285-6754 hit80-90@aol.com
Visite o site: www.madamesata.com
Convênio com estacionamento ao lado

MADAME SATÃ

Night Club

O casarão mais tradicional da noite alternativa paulistana já soma seus 18 anos de existência, representando um marco de resistência ativa à toda superficialidade decorrente das modas que surgem e somem de tempos em tempos... em seus porões muitas gerações descobriram o som de bandas como The Cure, Sisters Of Mercy, Devo, Duran Duran, Joy Division, Siouxsie, só para citar algumas (a maioria surgiu mesmo depois da existência do casarão, como o Type O Negative, Fields, Galaxie 500)... Entre seus frequentadores, podemos citar alguns ilustres: Renato Russo, Cazuzza, Titãs, Rita Lee, Ira... enfim, todo o sumo da geração oitenta frequentou, apresentou-se ou simplesmente deu as caras no Madame, expoente máximo da New Wave brasuca. Mesmo figuras e bandas, como Eldritch, Siouxsie, os irmãos Reid, Nick Cave, Blixa, Xymox, Two Witches e Opera Multi Steel, durante suas respectivas apresentações no Brasil, deram um pulo por lá... criando desta forma toda uma aura suspensa no tempo, um templo aos amantes de tudo o que é bom e não pode ser enterrado em prol de tendências pouco consistentes... O local já acolheu diversos estilos, tendo tocado desde hardcore (há muito tempo...), até acid house (isso também faz tempo)... enfim encontrando sua principal vertente no estilo musical gótico, com espaço para o som indie, rock nacional, eletrônico e o pop rock... mas não se pode dizer que a casa mantenha-se presa simplesmente às músicas da década de 80, pois muita coisa surgida de poucos anos para cá se impõe firme nas pistas, como é o caso do estilo Synth Pop e bandas como Wolfsheim, Lacrimosa, Theatre Of Tragedy, Belle & Sebastian, entre outras coisas... O Madame Satã é simplesmente a última trincheira do rock alternativo, a derradeira barreira entre o comum das massas e aquelas poucas pessoas que possuem um gosto mais seletivo, especial... como dizia um jargão da época em que comecei a frequentar a casa, um local diferente para quem é diferente. Viva às diferenças!!!

DYNAMITE

ROCK WAY OF LIFE
www.dynamite.com.br

SEBO 264



Cultura e Livros raros em geral.
Encontramos o livro que você precisa!!
Literatura maldita, Beat e Afins...
Rua Sete de Abril, 264 B5 Térreo
Tels: (0xx11) 255 3270 / 3151 2391

INFO WIZARDS®
Soluções em um passe de mágica
websites - revistas - gráficos em geral

Contatos:



:20161no3

De Profundis: thesandman@uol.com.br
Info Wizards: infowizards@uol.com.br

Rua Sapopira, 451 - B2 - Ap. 34 - Jd. Pedro J. Nunes
SP/SP - Cep: 08061-440